

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

LAÍDE CLEUZA BRAGALDA

**SAÚDE E TRABALHO - REAÇÕES E EMOÇÕES NO COTIDIANO DO
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO**

São Bernardo do Campo

2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LAÍDE CLEUZA BRAGALDA

**SAÚDE E TRABALHO - EMOÇÕES E REAÇÕES NO COTIDIANO DO
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO**

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do Título de Mestre em Psicologia da Saúde ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Metodista de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. José Tolentino Rosa.

Universidade Metodista de São Paulo
São Bernardo do Campo – 2005

LAÍDE CLEUZA BRAGALDA

**SAÚDE E TRABALHO: EMOÇÕES E REAÇÕES NO COTIDIANO
DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO**

BANCA EXAMINADORA

Presidente – Prof. Dr. José Tolentino Rosa

Profª Dra. Eliana Marta Monaci

Profª Dra. Maria Geralda Viana Heleno

São Bernardo do Campo _____ / _____ / _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, minha inspiração.

Aos meus irmãos, meu apoio.

Aos meus amigos pela solidariedade.

AGRADECIMENTOS

AO PROF. DR. JOSÉ TOLENTINO ROSA,
PELA SUA PACIÊNCIA E COMPETÊNCIA, INSPIRANDO-ME E ACALMANDO-ME
NOS MOMENTOS MAIS TENSOS DESTA CAMINHADA.

AO PROF. LUIZ CARLOS LEMOS,
MINHA ETERNA GRATIDÃO PELO INCENTIVO E APOIO QUE ME
POSSIBILITARAM CONCRETIZAR ESSE GRANDE SONHO.

AO PROF. DR. MANOEL MORGADO REZENDE,
PELO PROFISSIONALISMO E SENSIBILIDADE QUE ME SERVIRAM DE ESTIMULO
PARA QUE MEUS OBJETIVOS FOSSEM ALCANÇADOS.

À PROF^a. DRA MARILIA MARTINS. VIZZOTTO,
MINHA PROFUNDA GRATIDÃO, PELAS HORAS DE DISCUSSÃO QUE ME
APONTARAM OS CAMINHOS PARA CHEGAR ATÉ AQUI.

À PROF^a. DRA. CAMILA BERNARDES DE SOUZA ,
MINHA ADMIRAÇÃO, SEUS ENSINAMENTOS DESPERTARAM EM MIM UMA
NOVA VISÃO SOBRE A PSICOLOGIA DA SAÚDE.

AO PROF. DR. RENATO TEODORO RAMOS,
MINHA ADMIRAÇÃO, POR SUA CAPACIDADE EM CONCILIAR: SABEDORIA,
AFETO E BOM HUMOR.

À DRA. MARIA GERALDA VIANA HELENO,
PELO CARINHO E COMPREENSÃO, MESMO NÃO SENDO OFICIALMENTE
MINHA PROFESSORA, ME ADOTOU E ME INCENTIVOU,
INCONDICIONALMENTE.

ÀS QUERIDAS SECRETÁRIAS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA DA SAÚDE: ANDRÉA E BETH, PELO APOIO AFETIVO,
COMPETÊNCIA, PACIÊNCIA E IMPARCIALIDADE.

AO AMIGO CARLOS ERNICA,
PELO SUPORTE TÉCNICO.

AO MEU IRMÃO VALDIR CARLOS BRAGALDA,
PELO APOIO INCONDICIONAL.

AO MEU IRMÃO PAULO CÉSAR BRAGALDA,
PELAS ORAÇÕES, DURANTE AS MINHAS VIAGENS.

AO JORNALISTA BENEDITO NEVES DE PAULA,
PELA DISPOSIÇÃO E PACIÊNCIA, EM ME OUVIR E ME INCENTIVAR.

À PROF^a. MARLY A. F. BURGER, PELA DISPOSIÇÃO, PRESENÇA DE ESPÍRITO E TRANQUÍLIDADE EM ME OUVIR E ACONSELHAR, QUANDO AS DÚVIDAS ME AFRONTAVAM.

À PROF^a LUCIMEIRE MOLINA, POR SUA PRECIOSA AJUDA NAS REVISÕES E TRADUÇÕES.

À MINHA AMIGA E COLEGA DE TRABALHO ANDREZA PELA VALIOSA COLABORAÇÃO NA REVISÃO ORTOGRÁFICA.

À PROF^a MICHELI PELA COMPETÊNCIA E PACIÊNCIA NA REVISÃO FINAL DA FORMATAÇÃO DESTE TRABALHO.

AO PROF. JAIR ROSSETO – DIRETOR DO ERPLAN, MINHA GRATIDÃO.

À AMIGA E COLEGA DE TRABALHO SUSY, PELO APOIO.

A DEUS, MEU ETERNO E PROFUNDO AGRADECIMENTO,
POR ME CONCEDER ESTA OPORTUNIDADE.

AO BISPO JOÃO E PASTORA EUNICE,
PELA SENSIBILIDADE E ORIENTAÇÃO NO INÍCIO DESTA CAMINHADA.

AO PASTOR ANDERSON, PELAS ORAÇÕES E PELO APOIO ESPIRITUAL.

EPÍGRAFE

"O nascimento do pensamento
é igual ao nascimento de uma criança:
tudo começa com um ato de amor.
Uma semente há de ser depositada no ventre
vazio.
E a semente do pensamento é o sonho.
Por isso os educadores [e educadoras],
antes de serem especialistas em ferramentas
do saber,
deviam ser especialistas em amor:
intérpretes de sonho”.

Rubem Alves

SUMÁRIO DE CONTEÚDOS

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	SAÚDE MENTAL E TRABALHO.....	15
1.2	O TRABALHO COMO POSSIBILIDADE DE SUBLIMAÇÃO DAS PULSÕES SEXUAIS E AGRESSIVAS.....	17
1.3	VÍNCULO SOCIAL E APEGO.....	20
1.4	VIVÊNCIAS DE BEM-ESTAR NO TRABALHO.....	24
1.5	RELAÇÕES INTERPESSOAIS E INTRAPESSOAIS.....	25
1.6	SENTIMENTOS E EMOÇÕES.....	27
1.7	OBJETIVOS.....	29
1.8	MÉTODO.....	30
2	DISCUSSÃO.....	36
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
4	REFERÊNCIAS.....	40

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	65
Anexo B - Questionário.....	66
Anexo C – Dados Complementares.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Distribuição dos participantes por gênero e estado civil.
Tabela 02 - Distribuição dos participantes por faixa etária.
Tabela 03 - Distribuição dos participantes por tempo de docência, gênero e faixa etária.
Tabela 04 - Distribuição dos participantes que acumulam outros cargos e por faixa etária.
Tabela 05 - Carga horária total de trabalho (aulas semanais e outros cargos).
Tabela 06 – Resultado parcial com sujeitos que trabalham uma jornada entre 61 e 72 horas.
Tabela 07 – Distribuição dos participantes por titulação e gênero.
Tabela 08 – distribuição dos participantes conforme variáveis (44 sujeitos).
Tabela 09 – Quadro com variáveis e resultados dos sujeitos do sexo masculino (geral).
Tabela 10 – Tabela com variáveis e pontuações sujeitos solteiros. do sexo masculino.
Tabela 11 - Variáveis e pontuações dos sujeitos do sexo masculino, com estado civil indefinido.
Tabela 12 – Resultados parciais dos sujeitos masculinos casados.
Tabela 13 – Variáveis e pontuações referentes às participantes do sexo feminino (geral).

Tabela 14 – Variáveis e pontuações das participantes do sexo feminino, solteiras.

Tabela 15 - Resultados parciais das professoras casadas.

Tabela 16 - Resultados parciais das professoras com estado civil indefinido.

Tabela 17 - Variáveis e Resultados referentes aos doutores.

RESUMO

BRAGALDA, L. C. **Saúde e Trabalho - Emoções e Reações no Cotidiano do Professor Universitário**, 2005, 70 p. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo – SP, Brasil. UMESP – Pós Graduação em Psicologia da Saúde.

Dada a importância da afetividade no que concerne ao processo ensino-aprendizagem, este trabalho tem como objetivo identificar as emoções vivenciadas pelo professor universitário em seu cotidiano profissional, suas reações frente às emoções vivenciadas, a proporção de ocorrências de situações que promovem emoções positivas com relação às negativas, e quais as medidas preventivas e de promoção de saúde adotadas pelo professor.

Para tanto, organizamos referenciais teóricos que contemplam o estudo da relação professor-aluno em sala de aula, as atividades de planejamento, execução e avaliação das atividades de ensino, e o modo pelo qual o professor conduz o processo de ensino.

A amostra selecionada para a pesquisa pertence a três municípios da região de Araçatuba, cidade sede da IX Região Administrativa do Estado de São Paulo e equivale a 10% do total da população alvo. São professores de ensino superior, de ambos os sexos, de instituições de ensino superior de direito privado, que mantêm vínculo empregatício com uma ou mais instituições de ensino superior nos municípios de Araçatuba, Birigui e Penápolis.

Para a coleta de dados elaborou-se um questionário com 30 questões, sobre as emoções e reações vivenciadas pelos professores, durante o exercício de suas atividades profissionais.

Para a análise dos dados optou-se pela abordagem quantitativa, que possibilita o estudo da frequência em que as emoções negativas e positivas ocorrem, bem como as possíveis correlações entre estas e as variáveis. Subsídios de ordem qualitativa foram escolhidos como recursos complementares, para facilitar a compreensão dos resultados.

Descritores: Saúde; Professor Universitário; trabalho; emoções; reações.

ABSTRACT

BRAGALDA, L. C. **Health and work – emotions and reactions on the college teacher's everyday life.** . 2005, 70 p. Master's Dissertation. São Bernardo do Campo – SP, Brazil. UMESP.

Since affectivity is important to the teach-learning process, the objective was to identify emotions lived deeply for an university teacher in its daily activities, their reactions to lived and deep emotions, the rationale of occurrence of situations that they promote positive emotions with relation to refusals, and that describes prevention and promotion of teacher's health. . For in such a way, we organize theoretical reference that contemplate the study of relation teacher-pupil in classroom, the planning activities, execution and evaluation as activities of education, and the way through which the teacher leads the education process.

The sample selected for the research belongs the three cities of the region of Araçatuba, city headquarters of IX the Administrative Region of the State of São Paulo and is equivalent 10% of the total of the white population. They are teachers of higher education, of both the sex's, institutions of higher education of private law, that keeps employment bond with one or more institutions of higher education in the country of Araçatuba, Birigüi and Penápolis.

For the collection of data a questionnaire with 30 questions was elaborated, on the emotions and reactions lived deeply for the teachers, during the exercise of its professional activities. For the analysis of the data one opted to the quantitative boarding, that makes possible the study of the frequency where the negative and positive emotions occur, as well as the possible correlations between these and the variable. Subsidies of qualitative order had been chosen as complementary resources, to facilitate the understanding of the results.

Index-terms: Health; college teacher; job; emotion;

1 INTRODUÇÃO

Quem é o professor? Qual sua missão? Como e porquê se mantém na profissão?

Na escolha profissional a vocação não fala por si só. Pesam também os exemplos e as influências da família, as condições socioculturais e econômicas, entre outras.

O papel do professor não se trata de tirar dúvidas, mas de gerar fazer outras tantas, pois conhecimento é processo dinâmico de questionamento permanente, não gerando respostas definitivas, mas perguntas inteligentes. A formação da consciência crítica e criativa faz parte do saber pensar.

O cotidiano de trabalho do professor demanda muita disposição, habilidade em relacionar-se com pessoas e tolerância à frustração.

A vivência de emoções naturais e fisiológicas, que aparecem em todas as pessoas como um importante substrato biológico, estão presentes em seu cotidiano de trabalho. Essas emoções podem ser de alegria, medo, ansiedade ou raiva, entre outras. Agradáveis ou desagradáveis, as emoções mobilizam a pessoa para a atividade e tomam parte na comunicação interpessoal. Portanto, atuam como poderosos motivadores da conduta humana.

O termo emoções negativas se refere às emoções que produzem uma experiência emocional desagradável, como a ansiedade, a raiva e a tristeza, estas, consideradas as três emoções negativas mais importantes. As emoções positivas são aquelas que geram uma experiência agradável, como a alegria, a felicidade ou o amor.

Muitos são os fatores que poderão interferir no emergir dessas emoções, bem como influenciar as reações de quem as vivencia, podendo estas serem diferentes no mesmo sujeito em diferentes fases de sua vida ou de sua trajetória profissional.

Estudos realizados por Codo (2000), foram adotados como base para fundamentação deste trabalho. Esse autor ressalta as mudanças abruptas como determinantes de situações que geram ansiedade e insegurança.

A identidade profissional é produto de uma trajetória, realizada a partir de um plano de carreira instituído e institucionalizado. Nossa carreira confunde-se com a nossa vida.

Para Codo (2000) a idéia de evolução, os sentimentos de utilidade, de crescimento pessoal e profissional, o sentimento de progresso e de poder ser mais feliz futuramente do

que se é hoje, estão relacionados a uma construção linear da noção de tempo. Ser professor há poucas décadas, além de motivo de orgulho pessoal, era posição socialmente respeitada e de destaque. Ser professor universitário era privilégio ainda maior. Professores com títulos de mestres e doutores eram raros. Em “O Trabalho e o Tempo”, Codo (2000) alerta que os conflitos do mundo do trabalho são muitos:

... Trabalhos mal feitos; problemas de compreensão das tarefas a realizar; necessidade de incorporar novos conhecimentos; dificuldades de comunicação; o afeto, cujo lugar de manifestação é o lugar do *intimo-privado* tem cada vez menos possibilidade de se manifestar.

Dada a relevância social e científica do tema, recorreremos a autores consagrados como Freud, na tentativa de compreender melhor o papel da sublimação no sentido de tornar o trabalho mais satisfatório, menos árido; Schraml, pela referência que faz à pedagogia psicanalítica, explicando sua importância para a compreensão das motivações e dos afetos na educação; Bowlby, no qual nos apoiamos para compreender as relações de apego e os vínculos que envolvem as relações sociais e profissionais, e finalmente Bion, que nos trouxe importantes contribuições para a compreensão da afetividade presente nas relações professor-aluno e na possibilidade de desenvolvimento da capacidade de tolerar frustrações.

Um trabalho docente efetivo e de qualidade, além de muitos outros requisitos, requer um profissional saudável, emocionalmente equilibrado, motivado, com auto-estima elevada e que sinta prazer em relacionar-se com pessoas.

Embora, considerando muitos outros aspectos como relevantes este estudo se concentra em investigar as emoções e as reações presentes no cotidiano do professor universitário, e as influências que essas vivências exercem sobre o desenvolvimento intelectual e a integração social do professor. A escolha desse “recorte” tem como finalidade responder às questões:

- 1) Como reagem os professores universitários ao vivenciarem emoções adversas em seu cotidiano de trabalho?
- 2) Que investimentos o professor faz com o objetivo de promover a própria saúde ou de prevenir doenças, decorrentes de suas atividades profissionais?
- 3) O que representa para o professor a profissão escolhida?
- 4) A quem, ou a quem o professor atribui as adversidades vivenciadas no cotidiano de trabalho?
- 5) Qual o motivo de sua permanência na profissão professor?

O embasamento teórico deste trabalho foi concentrado preliminarmente em publicações dos últimos cinco anos sobre a relação saúde e trabalho de professores, expandindo-se posteriormente para publicações dos últimos dez anos, contemplando também os clássicos como as obras de Freud, Bowlby, Schraml e Bion.

1.1 SAÚDE MENTAL E TRABALHO

Este capítulo dedica-se a uma tentativa de entender os fatores humanos que interferem na saúde e bem-estar do professor universitário no seu cotidiano de trabalho.

As regras impostas pelo SINAES (Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior), para a avaliação do ensino superior, pressupõem uma relativa padronização das exigências para as instituições, no que se refere à estrutura física, tecnológica, condições de trabalho, entre outras. Partindo desse pressuposto, estaremos considerando satisfatórias as condições em que o professor universitário desenvolve suas atividades, sob o ponto de vista da saúde ocupacional, higiene e segurança no trabalho.

Para Bleger (1984), se o ambiente de trabalho do professor universitário é harmonioso e as atividades de um modo geral propiciam vivências agradáveis, de bem-estar, podemos inferir que o cotidiano de trabalho do professor propicia a vivência de emoções positivas, que favorecem o seu desenvolvimento intelectual e o seu bem-estar psicológico e social. O fato de não adoecer, por si só, não satisfaz quando o assunto é psicologia da saúde.

Bleger (1984) preconiza que o que realmente interessa é o desenvolvimento integral das pessoas e da comunidade e não apenas a ausência de doenças. A ênfase na saúde mental desloca-se da doença à saúde e à observação de como os seres humanos vivem em seu cotidiano.

Partindo das afirmações de Bleger, podemos entender que apenas o ambiente harmonioso, adequado para as atividades, não responde por si só pelos resultados, mas também a forma como o professor se relaciona com esse ambiente e o que esse ambiente de trabalho e a profissão representam para cada professor, na sua individualidade. Como ocorreu a escolha da profissão e porque se mantém nela são dados que poderão ser úteis para uma análise mais apropriada.

Para Reinhold (1984), as condições físicas, sociais e psicológicas do professor, suas características pessoais e suscetibilidade ao estresse, a frequência e intensidade da exposição a fatores ou situações estressantes, são determinantes das reações do professor no seu cotidiano no trabalho, podendo gerar sintomas de diferentes níveis como:

Nível psíquico: Frustração, raiva, autoconceito rebaixado, ansiedade, absenteísmo, sensação de "sem saída" ou de estar condenado àquela situação, isolamento mental, satisfação reduzida no trabalho e depressão;

Nível de relacionamento social: Irritação e explosões de raiva com colegas e familiares, isolamento social, mau relacionamento social, inconstância no emprego.

Nível fisiológico: Cansaço crônico, desempenho inadequado, reações somáticas, tais como: palpitações cardíacas (taquicardia), náuseas, manchas pelo corpo, queda de cabelo, doenças respiratórias, hipertensão, gastrite, úlceras, dor de cabeça etc;

Nível emocional: As suas emoções e a sua saúde física dependem, quase que exclusivamente, da sua interpretação do mundo exterior. A realidade de cada pessoa é o produto de sua própria criação e quanto mais o indivíduo entende as pressões e situações que o influenciam, melhor se adapta às suas demandas.

Considerando o que preconiza Bleger (1984), que o que realmente interessa não é apenas a ausência de doenças, mas sim o desenvolvimento global do indivíduo e da comunidade, parte-se para outra indagação: vivências de alegria, harmonia e outras vivências prazerosas contribuem para a saúde do professor universitário?

Não deixando de valorizar os múltiplos fatores que determinam as situações vivenciadas pelos professores em seu cotidiano no trabalho, a autora se detém a investigar as emoções vivenciadas e as reações biopsicossociais que sucedem tais emoções, na busca de dados que possam comprovar, ou não, a necessidade de intervenção, por parte das instituições de ensino, visando a promoção da saúde dos professores universitários.

1.2 O TRABALHO COMO POSSIBILIDADE DE SUBLIMAÇÃO DAS PULSÕES SEXUAIS E AGRESSIVAS

Neste capítulo estaremos considerando as possibilidades de utilização, pelo professor, de suas faculdades mentais, dentre as quais a criatividade, para tornar mais amena, mais saudável a sua jornada de trabalho.

Freud (1856-1939), conhecido como o pai da psicanálise, postula a existência do inconsciente e que o ser humano é regido por forças internas que o próprio sujeito desconhece.

Para Freud a vida psíquica não se resume a fatores conscientes como a percepção, a memória, a atenção, entre outros, mas também a manifestações inconscientes que se resumem no objeto de estudo da psicanálise.

Freud é citado por Kupfer (1992), enfatizando que o “pai da psicanálise” foi um incansável pesquisador estudioso de diversos assuntos, que abordou temas polêmicos para a sua época, como a sexualidade infantil, salientando que a psicanálise não trata especificamente das emoções ou do desenvolvimento afetivo, mas sim da constituição do sujeito e de suas transformações ao longo da vida, embora considerando que as manifestações dos afetos e das emoções se fazem presentes.

Freud (1929) em “O Mal Estar da Civilização” sugere que o trabalho pode funcionar como canal para o exercício da criatividade e da sublimação de pulsões sexuais e agressivas, o que o aproximaria muito mais do pólo da saúde mental. Ainda em “O Mal - Estar na Civilização”, surge o questionamento acerca do que o homem busca na vida e quais seriam as realizações almejadas. Encontra-se que seu propósito é o encontro da felicidade, sendo que, nessa conquista do “ser feliz”, o homem esbarra em inúmeras limitações e barreiras, tanto internas quanto externas.

Assim o exercício de atividades profissionais é apontado por Freud como alternativa de como lidar com o sofrimento mental, decorrente da abnegação das pulsões sexuais e agressivas em nome da construção da civilização.

Sob o ponto de vista freudiano, entende-se por sublimação a capacidade do sujeito de investir em atividades artísticas, intelectuais, ideológicas, científicas, atividades denominadas por Freud de “atividades superiores”, uma vez que, desta forma, laços sociais

são estabelecidos e fortalecidos, empregando energias que, do contrário, inviabilizariam a vida em sociedade.

O trabalho que possibilita o uso da criatividade também seria um espaço que contemplaria a subjetividade do trabalhador, ou seja, seus anseios, desejos, fantasias, pensamentos, sentimentos construídos ao longo de sua história de vida.

Nesses termos a atividade prática do professor, as pesquisas, os contatos amistosos, as confraternizações, poderão contribuir para a auto-realização, satisfação e bem-estar do professor.

A origem das sensações do prazer está, segundo Freud, lá no início da vida.

Freud em sua coleção “Obras Completas”, vol. 21, explica que uma criança recém-nascida não diferencia seu ego do mundo externo, como origem das sensações que vivencia. Com o passar do tempo, ela vai progressivamente aprendendo a fazer essa diferenciação e passa a reagir adequadamente aos estímulos. O ego movido pelo princípio do prazer tenta afastar as sensações desprazerosas, projetando para fora de si tudo o que pode significar fonte de desprazer.

Num próximo estágio, o ego conta com a ação deliberada dos órgãos sensoriais e das ações musculares correspondentes, podendo diferenciar o que é interno do que é externo, estabelecendo condições para a introdução do princípio da realidade. Desta forma o ego pode localizar o sofrimento se originando de três direções: 1) do próprio corpo; 2) do mundo exterior, 3) da relação com outras pessoas. Esse desdobramento também pode ocorrer com relação ao trabalho, se as atividades permitem ou restringem as oportunidades de vivências prazerosas. A não satisfação de certas pulsões poderá tensionar o aparelho psíquico gerando angústia, depressão, ansiedade, medo e sintomas somáticos.

Ainda vale ressaltar a concepção de psicanálise própria de Freud, que concede à educação a função de levar o homem do estado de natureza ao estado de civilização. Essa missão capital da pedagogia era profundamente valorizada por Freud, uma vez que a tarefa essencial da educação era a sua contribuição para a sublimação dos impulsos primitivos primários e para a adaptação dos desejos do “id” à realidade da sociedade.

Compreender a complexidade que envolve o cotidiano do professor é tarefa difícil.

Schraml (1976), um grande estudioso da educação com base na psicanálise, que contribui com sua teoria, cita uma brincadeira de Freud (1925) na qual ele declara três atividades profissionais como inconciliáveis: educar, curar e dirigir.

Schraml (1976) defende que a pedagogia psicanalítica fornece sua contribuição à educação, sob forma de uma teoria explicativa das motivações humanas e de sua origem impulsiva.

No que se refere a uma cultura afetiva e social verdadeira, implica que o indivíduo deve viver seus impulsos instintivos, sem entregar-se a excessos, nem recalá-los, contanto que ele não prejudique os seus semelhantes, mas que mantenha com eles uma relação de reciprocidade, empregando sua energia disponível para fins culturais.

Quanto à sublimação como forma de adaptação, aplica-se ao termo adaptação, a noção de que se refere à adaptação do indivíduo ao mundo que o cerca, sendo que se o indivíduo passa a ser semelhante a esse meio, até suas necessidades íntimas se confirmam às exigências deste universo ambiente; essa seria a adaptação passiva.

O indivíduo tem tendência a integrar o mundo, com base em seus motivos pessoais, porém transforma as suas necessidades pessoais e seus impulsos instintivos conforme os valores integrados por seu meio exterior e legitimados como motivos de reação a essa adaptação que Schraml denominou “adaptação ativa”.

Com base no exposto, o professor teria a tarefa de contribuir para o desenvolvimento da criatividade, do “espírito” inovador e empreendedor do aluno, da autonomia, formando “sujeitos” críticos, produtivos e capazes de exercer seus direitos e deveres de cidadão.

Essa tarefa, mesmo significando algo gratificante ao profissional do ensino superior, sugere um alto grau de responsabilidade, uma alta demanda de energia psíquica, de comprometimento, que pode afetar de forma diferente aos professores, gerando emoções, sentimentos e reações diferentes.

1.3 VÍNCULO SOCIAL E APEGO

Aqui nos ateremos a uma tentativa de entender como ocorrem os vínculos nas relações de trabalho.

A teoria do apego é de origem psicanalítica e a compreensão da importância do vínculo inicial da criança à sua mãe se evidencia examinando os comportamentos de apego, em termos de relações objetais. As relações objetais referem-se a objetos internos, idealizações que fazem parte do mundo interno da pessoa. As relações objetais vão definir a maneira pela qual o indivíduo se relaciona com seus objetos internos e externos.

Dada a importância do que representa o trabalho docente para o professor, é fundamental buscar compreender a importância do vínculo social e do apego, manifestados nas relações interpessoais, no cotidiano de trabalho, o que explica também a permanência do professor na profissão.

Tendo como base a Teoria do Apego de John Bowlby, com suas bases etológicas (evolução biológica) e psicanalíticas, examinam-se os comportamentos de apego em diferentes idades, seus padrões e características de estabilidade e persistência, manifestações que caracterizam vínculos emocionais, apego a objeto ou a uma pessoa presente no ambiente.

Quando John Bowlby (1990) estudou o vínculo entre mãe e filho, concluiu que essa ligação era parte de um sistema de comportamento que servia à proteção da espécie, já que os bebês humanos são indefesos e incapazes de sobreviver sozinhos por um longo período de tempo. Deste modo, o apego dos bebês às suas mães ou cuidadores é o que possibilitaria a sobrevivência da espécie.

Apego é uma expressão usada tanto pelo senso comum quanto nos meios acadêmicos. Popularmente usa-se com frequência expressões de que alguém é muito apegado à sua mãe, à sua família.

O psicanalista John Bowlby (1990) considera o fato de o bebê ligar-se à figura materna, no interesse da satisfação de suas necessidades, como um fator fundamental ao desenvolvimento saudável. Para Bowlby o apego depende de esquemas internos, sendo que os próprios esquemas delimitam as formas que adotam. Esses esquemas denominam-se “modelos operacionais” e podem contribuir para a regulação psíquica do sujeito, para diminuir a angústia de separação; para organizar a mente e prover o sujeito de um sentimento de vitalidade e entusiasmo.

Pode também o objeto do apego prevalecer como base ou sustento da auto-estima, da auto-imagem, do sentimento de valia.

A partir da primeira relação, segundo Bowlby (1990), estabelece-se no indivíduo um modo de funcionamento, Modelo Funcional Interno.

A criança que tem em sua experiência um modelo seguro de apego vai desenvolver expectativas positivas em relação ao mundo, acreditando na possibilidade de satisfação de suas necessidades. Já uma outra, com um modelo menos seguro, poderá desenvolver expectativas menos positivas em relação ao mundo. Um modelo de apego seguro ou inseguro fornece a base para a formação de um Modelo Funcional Interno, uma lente a partir da qual o indivíduo vai ver o mundo e a si próprio (Bowlby, 1990).

O padrão de apego desenvolvido no primeiro ano de vida influencia a formação da auto-imagem e auto-conceito, fazendo das crianças que tiveram um modelo de apego seguro, indivíduos mais competentes e aceitos socialmente. Bowlby (1990) enfatiza que variável alguma tem mais profundos efeitos sobre o desenvolvimento da personalidade do que as experiências infantis no seio da família, a começar dos primeiros meses e da relação com a mãe.

Bowlby (1990) considera o apego-cuidado como um tipo de vínculo social, o apego a quem se dispensa cuidado. O apego é tratado então como um vínculo existente no relacionamento social entre dois indivíduos, quando cada um deles construiu programas de interação com o outro. A forma como esse relacionamento é compartilhado varia de pessoa para pessoa em função de suas diferenças individuais e também em função do tempo que se mantém. Quanto ao tempo, dependendo da finalidade do relacionamento, pode permanecer por um curto período de tempo ou indefinidamente.

Em família, tanto a quantidade de programas a serem compartilhados é vasta, como o tempo geralmente é indefinido. O comportamento de um é o complemento do comportamento do outro.

Bowlby (1969) adota a convenção de que o apego refere-se ao relacionamento, no qual as partes estão compromissadas, o apego se limita ao comportamento dirigido a alguém, considerado mais capaz de fazer frente à situação, enquanto cuidar especifica o comportamento complementar para com alguém considerado menos capaz. Ele exemplifica o programa apego-cuidado complementar através da relação aluno-professor.

Para Bowlby (1969), a experiência do indivíduo quando criança, com uma mãe estimulante, cooperativa, que dá apoio, e mais tarde com um pai que favorece o senso de valor, dignidade, utilidade, servem de modelo para futuros relacionamentos.

Para Bion (1984) a idéia de vínculo pressupõe dualidade, distância, o que sugere defesas ao contato direto, à harmonia com o “objeto amado”, (odiado ou conhecido). Mesmo diante da crença de que o emocional se sobrepõe ao racional, Bion rotula o amor, o ódio e o conhecimento, todos como vínculos.

Segundo Bion (1984) a faculdade de ser humano, de pensar, de inserir-se numa cultura, depende da presença de outras pessoas.

O conhecimento resulta de uma parceria demonstrada através do vínculo entre o sujeito e o objeto. Na linguagem bioniana, a interação professor-aluno (continente-contido) é uma experiência ativa na qual o professor vivencia uma experiência ativa e o aluno vivencia uma experiência receptiva, envolvendo o pensar, o sentir, comunicar, integrar e humanizar. É conveniente considerar o pensar como um processo que depende do resultado bem-sucedido de dois desenvolvimentos mentais básicos. O primeiro é o desenvolvimento dos pensamentos. Eles exigem um aparelho que dê conta deles.

O segundo desenvolvimento, portanto, é o deste aparelho que, provisoriamente, Bion chama de pensar. O pensar tem que ser criado para dar conta dos pensamentos. Notar-se-á que isto difere de qualquer teoria do pensamento como produto do pensar, na medida que o pensar é um desenvolvimento imposto à psique pela pressão dos pensamentos e não o contrário.

Além de desenvolver a capacidade de pensar, essa interação deve propiciar o desenvolvimento e o crescimento do aluno e do professor.

O professor deve apresentar-se com uma receptividade total. Uma experiência afetiva-emocional passível de ser transformada mentalmente. Ambos, professor e aluno (continente e contido), afetam-se reciprocamente e essa relação opera psicologicamente segundo o princípio do prazer, que tem como finalidade evitar a dor. A capacidade de tolerar frustrações gera uma nova capacidade de tolerar e o estabelecimento de vínculos.

Uma das importantes conclusões de Bion (1961, p.186-187) é que:

...a capacidade de tolerar frustração, capacita a psique a desenvolver pensamento como um meio de tornar a frustração ainda mais tolerável, o homem é um animal político, nesse caso não encontra satisfação fora do grupo, necessita expressar o componente emocional de seus impulsos, sem o que não poderia satisfazê-los.

Para Bion (1984) a afetividade ocupa posição relevante na relação professor-aluno. O amor, a raiva, a simpatia afetam essas relações. Do vínculo que se estabelece depende o desenvolvimento da fé, da paciência, da tolerância para superar as frustrações.

O professor precisa reconhecer suas próprias limitações, não há ninguém perfeito, nem completo, ele não tem poder absoluto sobre os acontecimentos, nem sobre o outro. Portanto ele deve estar em constante busca do conhecimento, do entendimento

Na situação ensino-aprendizagem também ocorre um “percurso” (distância) entre o consciente e o inconsciente, do significado ao significante, do símbolo ao simbolizado, do manifesto ao latente. É nessa dimensão que se insere um vínculo de sentido e significação e também é durante essa “comunicação” que se estabelece o vínculo emocional e ideológico que definirá a qualidade do encontro.

A forma como se constrói o vínculo pode-se dar de maneiras diferentes, porém a finalidade é sempre a mesma, que é compartilhar com o par que se trabalha, a convite. Ocorre que algumas pessoas estabelecem com seu parceiro um vínculo tão intenso que se confundem com a identificação projetiva maciça. Fazem do outro um “fiel depositário do seu inconsciente”, conferem ao outro a “posse” de toda a sabedoria e das soluções para os possíveis problemas.

1.4 VIVÊNCIAS DE BEM-ESTAR NO TRABALHO

A primazia das vivências de bem-estar no cotidiano de trabalho do professor de ensino superior com relação às de mal-estar é o que tentaremos demonstrar neste capítulo.

A preponderância de momentos agradáveis, embora fundamental, não neutraliza os efeitos das vivências desagradáveis. A intensidade da vivência desagradável, a duração, o que representa para quem a vivencia são fatores que merecem especial atenção.

As relações de trabalho e as vivências ocupacionais têm sido alvo de estudos frequentes, porém observa-se a ênfase nas relações conflitantes, na fadiga, no estresse, nas doenças ocupacionais de um modo geral. Será que o prazer pela realização de um trabalho bem feito, inovador, com resultados visivelmente reconhecidos, com possibilidades de relacionamentos interpessoais constantes e intensos, poderia levar o profissional à auto-realização, poderia promover o bem-estar, a satisfação, contribuindo para a promoção da saúde do trabalhador?

Em sua tese de doutorado Monacci (1995) conceitua felicidade ou bem-estar como uma vivência de profunda satisfação, contentamento, alegria. Vivências, para Monacci, são as experiências que ocorrem na vida dos seres humanos, com maior ou menor intensidade, que geralmente não são constantes e sofrem influência de situações externas que podem, ou não, serem provocadas pela pessoa e também dependem de como a pessoa as percebem.

1.5 RELAÇÕES INTERPESSOAIS E INTRAPESSOAIS

Outro aspecto relevante neste trabalho é a tentativa de verificar como se dão as relações intrapessoais e interpessoais no trabalho, como o professor universitário se relaciona com seu próprio corpo, com seus superiores, colegas, alunos e como se sente no cotidiano, enquanto prepara as aulas, enquanto leciona e enquanto está envolvido com atividades essencialmente intelectuais.

Sanches (1994) em artigo publicado na Revista Mudanças – psicoterapia e estudos psicossociais - ressalta a capacidade de pensar como algo que depende da interação entre pessoas. Afirma que a qualidade do contato pode favorecer ou prejudicar o crescimento e o desenvolvimento.

Para essa compreensão, Torresi (1997) pode contribuir grandemente, pois realizou uma pesquisa visando a investigar como o professor universitário reage sob influência mental do trabalho, com uma amostra de 61 professores de universidades públicas do Estado de São Paulo.

Os resultados da pesquisa realizada por Torresi indicam que, quando desenvolve trabalhos intelectuais, o professor universitário estabelece uma relação cindida com o próprio corpo; há o predomínio da valorização da mente em detrimento da do corpo. Quando submetido à imobilidade, à indiferença ou ao esquecimento, reage corporificando a dor, ficando sob influência do seu estado mental e a última conclusão é de que a natureza representa ambiente que contribui para a harmonia e o equilíbrio mental do professor.

Observa-se que há priorização da mente quando o assunto é compreensão, raciocínio e aprendizagem, cujo produto é sentido como gratificante. Enquanto a mente e a cabeça se destacam como áreas do corpo mais apreciadas, o corpo em si ocupa lugar secundário.

O modo de reação do professor não estabelece conexão somática principalmente quando está envolvido com o trabalho essencialmente intelectual, pois, quando toma consciência da própria emoção e das alterações de seu estado emocional, não percebe que seus sentimentos se alojam em seu corpo e que este passa a expressar uma linguagem de dor. As contraturas musculares e alterações posturais evidenciam o lado somático da repressão das emoções. Esse estudo levantou dados que evidenciam que a docência superior e a pesquisa propiciam uma relação de expansão e de prazer, enquanto a relação com outros setores propicia contração e desprazer, desencadeando respostas que indicam um corpo frustrado.

Através do trabalho de pesquisa realizado por Torresi (1997), pode-se observar que existem boas e más mentalizações e que o que determina o bem – estar ou o mal - estar é a capacidade de assimilação por parte do professor. A seguir, as principais conclusões de Torresi:

-O limite da capacidade de assimilação varia de indivíduo para indivíduo;

-Quando o limite de capacidade de assimilação do indivíduo é ultrapassado, aparecem os sintomas;

-Os sintomas mais comuns, em professores universitários são: a contratura muscular e dores na coluna;

-O limite da capacidade de assimilação das ocorrências negativas pode variar para um mesmo indivíduo nos diferentes períodos de sua vida;

-A natureza assume papel importante na vida do professor universitário por representar ambiente propício ao equilíbrio, à harmonia.

Para Sanches, 1994, p.44, para que o professor possa obter sucesso em sua profissão, não é necessário que ele tenha domínio de técnicas psicanalíticas, mas reconhecer os problemas inconscientes do aluno e de si próprio é fundamental para a compreensão do seu comportamento e dos alunos e assim poder conduzir as atividades de forma prazerosa, que permita ao aluno o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Sanches (1994, p. 43) defende ainda que a auto-estima, fator essencial na educação, cresce com a aprendizagem e a experiência de produtividade. A afetividade, segundo Sanches, é de alta relevância na relação professor-aluno, pois o amor, a raiva, a simpatia afetam essas relações.

Codo (1999) dá ênfase ao orgulho de ser professor no passado e ao prestígio social que era atribuído ao professor e afirma que, em função das mudanças ocorridas na escola,

o professor foi impulsionado a mudar para manter-se no mercado de trabalho. Se por um lado existe pressão psicológica em função das exigências de resultados e das mudanças constantes, por outro, a própria realização das atividades de trabalho podem servir de elementos anti-estresse através da sublimação dos impulsos sexuais e agressivos, como citado anteriormente por Freud (1929).

A autora concentra sua atenção sobre o vivenciado no cotidiano de trabalho do professor universitário e as reações fisiológicas e psicossociais decorrentes das emoções experimentadas.

1.6 SENTIMENTOS E EMOÇÕES

Na busca de compreensão da importância dos sentimentos que envolvem a relação professor-aluno, recorreremos a Kupfer (1992) que aponta estudos realizados por Freud, embora poucos, mas pela consistência e profundidade possibilitam ainda nos dias atuais significativas reflexões. Nessa relação pode estar presente a ambivalência descrita por Freud, como a facilidade para atitudes contraditórias, resultante dos sentimentos de amor-e-ódio.

O relacionamento entre professor e aluno, nesse caso, estaria sujeito a afetos de amor e ódio, caracterizando a ambivalência. No ensino superior isso ocorre de maneira mais sutil, menos perceptível, em que o professor ocupa na psique do aluno lugares que não correspondem ao seu verdadeiro lugar na vida real.

Com base nas definições contidas no dicionário de psicologia e nos dicionários de língua portuguesa Aurélio e Michaelis, o autor refere-se a sentimento como algo ameno e duradouro, por exemplo, a amizade; a gratidão; a solidariedade, e refere-se à emoção como uma agitação súbita e passageira, estado afetivo capaz de excitar e provocar alterações fisiológicas. Com base nas mesmas fontes, a ansiedade está aqui sendo considerada como um transtorno no qual os sentimentos de apreensão, tensão e inquietude são os distúrbios predominantes. Essas afirmações servem também para corroborar o que foi o que vimos anteriormente através de Reinhold (1984), que muitos estudos têm sido realizados sobre as relações interpessoais no trabalho, assim como muitos autores têm afirmado que as relações interpessoais intensas e constantes durante o trabalho dão origem a emoções de ansiedade, podendo levar ao adoecimento.

Tendo em vista os resultados de Codo (2000) com professores de ensino de 2º grau e o baixo número de pesquisas neste assunto com docentes universitários, justifica-se o interesse da presente pesquisa e seus respectivos objetivos.

1.7 OBJETIVOS

Gerais:

- 1) Investigar possíveis correlações entre reações e emoções vivenciadas pelo professor universitário no cotidiano de trabalho, com relação às variáveis: gênero, titulação, faixa etária e jornada de trabalho.
- 2) Propor medidas de intervenção, que visem à promoção da saúde e à prevenção de doenças ocupacionais, decorrentes do desempenho de atividades docentes.

Específicos:

- 1) Detectar como o professor de ensino superior lida com os conflitos emocionais decorrentes das atividades de trabalho;
- 2) Investigar quais as reações dos professores universitários, em função das ocorrências que lhes provocam fortes emoções;
- 3) Compreender o que a escolha da profissão representa para o professor;
- 4) Investigar a que fatores os professores atribuem as causas de emoções negativas, de insatisfação, e das reações que apresentam ao vivenciá-las;
- 5) Verificar se a frequência das emoções de satisfação, alegria, prazer se sobrepõem às de desprazer como ansiedade, raiva, frustração;
- 6) Propor medidas de intervenção, visando eliminar as causas ou minimizar o efeito das reações negativas.

1.8 MÉTODO

POPULAÇÃO: Considera-se como sujeitos aptos a participar desta pesquisa, professores universitários, de ambos os sexos, que exercem atividades docentes, em uma ou mais instituições de ensino superior, de direito privado do interior do Estado de São Paulo, região de Araçatuba, IX Região Administrativa do estado. A população escolhida para este estudo é composta de 220 professores.

AMOSTRA: Para a realização do presente estudo, foi solicitada a colaboração de 44 professores universitários, sendo 28 do sexo masculino 16 do sexo feminino, que representa uma amostra de 20% da população, na faixa etária variável entre vinte e seis e sessenta e oito anos, com formação bem diversificada sendo: 2 psicólogos, 3 engenheiros industriais com especialização na área química, 1 engenheiro civil, 2 economistas, 5 pedagogos, 2 professores de educação física, 1 professor de educação artística, 2 biólogos, 3 cientistas contábeis, 5 bacharéis em direito, 4 formados em letras, 2 em sociologia, 1 filósofo, 2 sociólogos, 3 formados em sistemas de informação, 3 matemáticos e 5 administradores, que exercem atividades profissionais docentes em 4 instituições de ensino superior do interior do Estado de São Paulo, constituindo-se assim uma amostra estratificada.

LOCAL: A localização escolhida foi a região de Araçatuba, noroeste do Estado de São Paulo.

A cidade de Araçatuba é Sede da 9ª Região Administrativa do Estado de São Paulo, localizada na região noroeste, é conhecida como a “Capital do Boi Gordo”. Está a 530 km da capital. Sua superfície territorial é de 1330 km² sendo que 60,44 km² correspondem à área urbana e os outros 1.269,56 km². à área rural. Sua população de acordo com o último censo é de 187.326 habitantes. (IBGE, Censo 2000).

O clima é quente e seco, com registros de temperatura máxima de até 40°C e mínima de até 3°C, a média pluviométrica é de 1.315 mm e a umidade relativa do ar é de 69 %. Araçatuba conta com infra-estrutura básica ao longo de toda a sua extensão, com 98 % das residências dotadas de rede municipal de esgoto e 100% recebem água tratada. Tem sua hidrografia constituída pelos rios: Tietê, Aguapeí e São José dos Dourados, seu principal manancial que, inclusive abastece a cidade, é o Ribeirão Baguaçu.

Outro aspecto que favorece excelentes perspectivas de mercado para o Mercosul é a localização geográfica, fluxo de passagem da Hidrovia Tietê-Paraná, da ferrovia Ferro-Norte e do Gasoduto Brasil-Bolívia, propiciando um notável desenvolvimento das atividades sócio-econômicas.

O potencial turístico da região é um dos grandes atrativos na atual conjuntura, eventos agropecuários, folclóricos, praias de água doce, clubes de campo, quiosques, hotéis campestres, são algumas das opções de lazer da região.

Araçatuba é a maior cidade do Oeste Paulista e tem sua economia baseada na pecuária, agricultura e empresas de prestação de serviços.

No último censo realizado, em 2000, observou-se uma taxa de crescimento do município em torno de 2%, com uma média de 69,5 habitantes por km², sendo que na área urbana essa proporção sobe para 3.365 habitantes por km².

O sistema de transporte é completo, desde o rodoviário, hidroviário, aéreo, ao ferroviário, o que favorece a implantação de turismo e de empresas na região. Conta com transporte aéreo com vôos diários para a capital e conexões para as grandes capitais, sendo o 4º aeroporto em número de passageiros do interior do Estado.

A IX Região Administrativa do Estado de São Paulo é constituída de 43 municípios, sendo os três municípios pesquisados os que concentram quase a totalidade de instituições de ensino superior da região. A cidade sede da IX Região, Araçatuba, conta com: uma Universidade Pública Estadual, com os cursos de odontologia e medicina veterinária, uma universidade particular com cursos de direito, psicologia, odontologia, fisioterapia, administração, economia, entre outros. Um Centro Universitário cujo “carro chefe” é o curso de direito, seguido de outros como: jornalismo, turismo, comércio exterior, sistemas de informação, administração, ciências contábeis, economia, além dos cursos de formação de professores, como por exemplo: pedagogia, letras, educação física e outros. Outras quatro instituições de ensino superior de direito privado oferecem cursos diversos, uma delas tendo como tradicional o curso de ciências contábeis.

Há apenas 13 km, está a vizinha cidade de Birigui, onde predomina a produção de calçados, conhecida como a Capital Nacional do Calçado Infantil e reconhecida pela importância tanto para o mercado interno, quanto internacional, através das exportações, onde três faculdades concorrem, oferecendo uma variedade de cursos como: administração, sistemas de informação, ciências contábeis, secretariado executivo, desenho industrial, entre outros. A terceira cidade participante da pesquisa é Penápolis, que conta com uma

Faculdade, oferecendo diversos cursos como: administração, ciências contábeis, psicologia, e vários cursos de formação de professores como: pedagogia, letras, etc.

MATERIAL: Os instrumentos de pesquisa são compostos por: Um termo de consentimento livre e esclarecido. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contém os objetivos do trabalho, explicando a necessidade da coleta de dados via questionários, a justificativa do anonimato e o compromisso de zelar pela confidencialidade dos dados, documento de identificação e assinatura do participante. (Anexo 1).

Um questionário com 30 questões (anexo II), elaborado pela autora, com base na revisão teórica e nos objetivos deste trabalho.

Também fez parte um formulário para preenchimento de dados complementares (anexo III), onde o participante após seus dados pessoais e profissionais.

PROCEDIMENTOS: Para o levantamento de dados, optou-se pela elaboração de um questionário com 30 questões sobre emoções negativas e positivas, vivenciadas pelo professor no exercício de suas atividades profissionais, as possíveis reações às emoções vivenciadas, (vide anexo II). As respostas foram graduadas em três níveis, pontuadas em 01, 02, e 03 pontos, dando aos participantes três opções de escolha: a) discordo totalmente; b) concordo parcialmente e c) concordo totalmente.

As questões foram elaboradas cuidando-se para contemplar as emoções “positivas” e “negativas” em igual proporção, com o objetivo de verificar as emoções presentes no cotidiano do professor universitário.

A pontuação das questões seguiu o seguinte critério: opção *discordo totalmente*, para questão relacionada a emoções negativas, recebe 3,0 pontos, assim como as repostas *concordo totalmente*, para questões sobre emoções positivas; *concordo totalmente* para as negativas e *discordo totalmente* as positivas, recebem 1.0 ponto; e finalmente, as opções *concordo parcialmente* recebem 2,0 pontos.

Uma entrevista semi-dirigida, realizada com 10% da amostra, como instrumento complementar, visa o levantamento de dados qualitativos que facilitem a análise, discussão e compreensão dos resultados.

Após convidar o professor a participar da pesquisa, apresenta-se ao participante um termo de consentimento livre e esclarecido, o participante lê, após seu número de

identidade e assina. A seguir responde o questionário e preenche uma folha com dados complementares, sobre as variáveis: gênero; estado civil; idade; titulação; tempo de magistério superior; leciona em mais de uma instituição de ensino; outros cargos; total de horas trabalhadas em outros cargos.

2. RESULTADOS

A distribuição dos sujeitos por variáveis, pode ser vista nas tabelas a seguir.

Quanto ao gênero, participaram 16 de sexo feminino e 28 masculinos; conforme a tabela 01,

Tabela 01- Distribuição dos participantes por gênero e estado civil.

Gênero	Estado Civil			N	%
	cas	solt	outr		
Masc.	21	05	02	28	63,7
Fem.	10	03	03	16	36,3
Total	31	08	05	44	100%
Total geral	44				
Percentual		70,5%	18%	11,5%	100%

Quanto ao estado civil, 31 casados, 08 solteiro e 05 que se enquadra na classe “outros” (indefinido).

A idade dos participantes ficou entre 26 e 68 anos tendo como média 42 anos, de acordo com os dados demonstrados na Tabela 02.

Tabela 02- Distribuição dos participantes por faixa etária.

Idade	N	%
26 a 30 anos	04	09
31 a 40 anos	20	45,5
41 a 50 anos	11	25
51 a 60 anos	06	13,7
61 a 68 anos	03	6,8
Total	44	
Percentual		100%

O tempo de docência em anos variou de 01 a 25 anos, resultando numa média de 9,8 anos, os sujeitos do sexo masculino totalizam 28 e 16 do sexo feminino, o tempo de docência variou entre 01 e 25 anos, conforme Tabela 03 a seguir:

Tabela 03- Distribuição dos sujeitos por tempo de docência, gênero e faixa etária:

Tempo em anos	Faixa etária em anos	Masc	%	Fem	%
01 a 05	26 a 30	02	4,5	01	2,27
01 a 05	31 a 40	08	18,2	07	15,9
01 a 05	41 a 50	02	4,5	00	00
06 a 10	26 a 30	01	2,27	00	00
06 a 10	31 a 40	03	6,8	01	2,27
06 a 10	41 a 50	04	9,0	00	00
06 a 10	61 a 68	01	2,27	00	00
11 a 15	31 a 40	00	00	01	2,27
11 a 15	41 a 50	02	4,5	00	00
16 a 20	41 a 50	02	4,5	01	2,27
21 a 25	51 a 60	01	2,27	05	11,4
21 a 25	61 a 68	02	4,5	00	00
Total		28		16	
Percentual			63,60%		36,40%

Acumulam outros cargos, na mesma instituição onde leciona ou em outra, 21 professores, o que equivale a 47 % do total pesquisado, enquanto 53% apenas lecionam, vide Tabela 04, a seguir:

Tabela 04- Distribuição dos sujeitos que acumulam outros cargos e por faixa etária.

Idade em anos	Acumulam cargos	%	Apenas Lecionam	%	Percentual
26 a 30	00	00	04	09	09%
31 a 40	11	25	07	15,9	41%
41 a 50	09	20,5	06	13,6	34%
51 a 60	02	4,5	04	09	13,6
61 a 68	01	2,3	02	4,5	6,8%
Total	21		23		
Percentual da amostra		47,7%		52,3%	100%

O total de aulas semanais variou de 04 a 32 horas / aulas por participante, enquanto o total de horas semanais trabalhadas incluindo outros cargos acumulados, variou de 14 a 72 horas, resultando numa média de 40,73 horas trabalhadas por semana, veja Tabela 05:

Tabela 05 - Carga horária total de trabalho (aulas semanais e outros cargos):

Horas / sem.	Masc	% parcial	Fem	% parcial	% total
Até 20 h/sem	07	15,9%	07	15,9%	31,8%
21 a 40 h/sem	08	18,2%	06	13,6%	31,8%
41 a 60 h/sem	07	15,9%	02	4,5%	20,4%
61 a 72 h/sem	06	13,6%	01	2,3%	15,9%
Percentual		63,6%		36,4%	100%

Observa-se igual quantidade de professores masculinos e femininos com jornada de trabalho de até 20 horas semanais, à medida que aumenta a jornada de trabalho o número de sujeitos do sexo feminino diminui abruptamente. Quando a jornada de trabalho é de 40 a 72 horas, as mulheres representam apenas 23% dos homens.

Nesta análise mais minuciosa pode-se observar que dentre os 07 sujeitos com jornada de trabalho superior a 60 horas semanais, encontram-se 06 homens e apenas uma mulher, 86% dos professores de ensino superior que exercem jornada de trabalho acima de 60 horas semanais, na amostra pesquisada, são do sexo masculino e apenas 14% do sexo feminino.

Tabela 06 – Resultado parcial dos sujeitos com jornada de trabalho entre 61 e 72h.

Suj.	idade	gên	Est. civil	Acum. cargo	titulo	Tempo doc	h/doc	Outr cargo	Tot /h	pont
103	39	Masc	cas	Não	Ms.inc	4	32	40	72	83
105	35	Fem	cas	Sim	Esp	1	8	58	66	74
109	36	Masc	outr	Sim	Ms.inc	4	20	44	64	75
110	44	Masc	cas	Sim	Ms	18	20	50	70	79
123	45	Masc	outr	Não	Ms.inc	10	16	49	65	75
127	44	Masc	cas	Sim	Dr.inc	16	22	40	62	83
131	51	Masc	cas	Sim	Ms	23	22	40	62	86
Méd:	42 anos					10,86 anos	20 h/sem.	46 h/sem.	66 h/sem.	79,3 pont.
Percentual										88%

Os dados levantados mostram também que nessa população os professores do sexo masculino têm investido mais na carreira profissional, quando o assunto é titulação.

De 44 pesquisados, participaram: 04 doutores; 08 doutorandos; 18 mestres; 08 mestrandos, 05 especialistas e 01 graduado, a distribuição por titulação e gênero pode ser vista na Tabela 07 a seguir:

Tabela 07 – Distribuição dos participantes por titulação e gênero

Titulo	amostra	Masc.	% masc	Fem.	% fem	% amostra Total
Graduação	01	00	00	01	2,3	2,3
Lato Sensu	05	02	4,5	03	6,8	11,4
Mestrando	08	06	13,6	02	4,5	18,2
Mestre	18	10	22,7	08	18	40,9
Doutorando	08	08	18	00	00	18,2
Doutor	04	02	4,5	02	4,5	9,0
Total	44	28	63,3%	16	36,7%	100%
Percentual						

No levantamento de dados buscou-se a relação entre as variáveis: idade, gênero, estado civil, acúmulo de vínculo empregatício na função docente e em outros cargos, titulação, tempo de docência e jornada de trabalho, considerando-as como relevantes para a compreensão das emoções e reações presentes no cotidiano de trabalho do professor universitário. Essa relação não se fez presente de forma significativa quando analisada sob o foco proposto, que é a presença de emoções e reações no cotidiano de trabalho, o que possibilita sugerir que as emoções negativas, ou positivas, e a forma como os professores universitários reagem a elas, depende de fatores subjetivos, pessoais, individuais, e não do fato de exercer atividades docentes.

A distribuição dos participantes da pesquisa, com base nas variáveis, pode ser vista na Tabela 08 a seguir:

Tabela 08– distribuição dos participantes conforme variáveis (44 sujeitos).

código	idade	Gênero	Est. Civil	Acum. Cargo doc	título	tempo doc (anos)	h. aulas sem.	h. outros cargos	total h/trab /sem.
101	32	Masc	cas	Sim	Dr.inc	5	22	0	22
102	31	Masc	cas	Sim	Ms.inc	3	18	0	18
103	39	Masc	cas	Sim	Ms.inc	4	32	40	72
104	27	Masc	cas	Não	Ms	2	4	40	44
105	35	Fem	cas	Sim	Esp	1	8	58	66
106	35	Masc	cas	Sim	Ms	9	26	30	56
107	34	Fem	cas	Sim	Ms	12	22	6	28
108	54	Fem	cas	Não	Ms	23	22	4	26

109	36	Masc	outr	Sim	Ms.inc	4	20	44	64
110	44	Masc	cas	Sim	Ms	18	20	50	70
111	46	Masc	cas	Sim	Esp	14	16	40	56
112	42	Masc	cas	Não	Dr. inc	5	14	0	14
113	58	Fem	cas	Sim	Esp.	23	12	15	27
114	62	Masc	solt	Sim	Ms.inc	10	28	0	28
115	32	Fem	cas	Não	Dr	1	8	12	20
116	68	Masc	cas	Não	Ms	20	8	0	8
117	35	Fem	cas	Sim	Ms.inc	7	4	0	4
118	34	Fem	solt	Não	Ms	3	12	0	12
119	26	Masc	solt	Não	Ms	2	22	0	22
120	47	Fem	cas	Não	Ms	13	20	8	28
121	38	Fem	cas	Sim	Ms	2	20	0	20
122	42	Masc	cas	Sim	Ms	10	20	20	40
123	45	Masc	outr	Não	Ms.inc	10	16	49	65
124	49	Masc	cas	Sim	Esp	8	16	44	60
125	37	Masc	solt	Sim	Ms	5	20	15	35
126	36	Masc	cas	Sim	Ms	3	14	40	54
127	44	Masc	cas	Sim	Dr.inc	16	22	40	62
128	30	Fem	solt	Não	Ms	4	28	0	28
129	41	Masc	cas	Não	Dr.inc	5	4	0	4
130	43	Masc	cas	Sim	Mestr.in c	10	8	40	48
131	51	Masc	cas	Sim	Ms	23	22	40	62
132	38	Masc	solt	Não	Dr.inc	7	8	0	8
133	65	Masc	cas	Não	Dr	20	8	32	40
134	41	Masc	cas	Sim	Dr	13	22	16	38
135	55	Fem	outr	Não	Ms.inc	20	5	40	45
136	40	Fem	cas	Não	Dr	5	28	10	38
137	42	Fem	cas	Não	Esp	18	8	0	8
138	46	Masc	cas	Não	Ms	6	16	2	18
139	29	Masc	solt	Não	Dr.inc	8	24	20	44
140	32	Masc	cas	Não	Dr.inc	5	36	0	36
141	40	Masc	cas	Não	Dr.inc	5	12	8	20
142	35	Fem	Solt	Sim	Ms	5	8	40	48
143	57	Fem	Outr	Não	Grad	25	13	0	13
144	57	Fem	Outr	Não	Ms	20	12	0	12
Média	41,8 anos					9,80 anos	16,5 h	18 h	34 h
Total Parcial		Masc:28 Fem: 16	Cas. 31 Solt. 8 Outr. 5	Sim: 21 Não: 23	Esp: 05				

Lembrando que a população alvo é de 220 professores de ensino superior, que exercem suas atividades em IES – Instituições de Ensino Superior de direito privado, nos municípios de Araçatuba, Birigüi e Penápolis, região noroeste do estado de São Paulo.

A amostra é composta de 20% da população, totalizando 44 professores de ambos os sexos, sendo 28 do sexo masculino e 16 do sexo feminino.

A idade dos sujeitos variou entre 26 e 68 anos, resultando uma média de 41,8 anos.

Quanto ao estado civil 70,5 % dos participantes da pesquisa são casados, 18 % solteiros e 11,5 % apresentam-se como indefinidos. O tempo médio de trabalho na docência superior varia de 01 a 25 anos, totalizando uma média de 09,8 anos de trabalho. No geral a média de horas aulas semanais é de 16,5 horas e a média de horas trabalhadas em outros cargos é de 18 horas, resultando numa jornada média de trabalho semanal de 34 horas.

Esperamos que a análise detalhada, apresentando a pontuação média e a frequência de vivência de situações que provocam emoções e reações negativas e positivas, possa demonstrar a dimensão da influência, ou não, de cada variável, observada através das pontuações e dos percentuais.

Quanto mais próximo de 90 pontos, mais satisfação, bem estar, prazer, alegria e outras emoções e reações positivas fazem parte do cotidiano de trabalho do docente pesquisado, ao passo que a pontuação diminui, aumentam-se as vivências de insatisfação, frustração, desânimo, mal estar e as reações desfavoráveis à saúde do professor.

No geral, dos 44 sujeitos, 31 são casados o que representa 70,5 % da amostra pesquisada. A pontuação média entre os professores casados é de 76 %, que equivale a 84,5% de vivência agradável, contra um percentual de 15,5 % de vivências estressantes, desagradáveis, acompanhadas de reações desfavoráveis à saúde e ao bem estar do professor.

Dos 28 professores de sexo masculino que participaram da pesquisa, 75% são casados, 18% solteiros e 7% enquadram-se em outras condições civis não definidas. Quanto à idade, 10,7% entre 26 e 30 anos, 75% concentra-se na faixa etária entre 31 a 50 anos, 3,5% entre 51 e 59 anos e 10,7% entre 61 e 68 anos. Quanto ao acúmulo de outros cargos o resultado mostra que 54% dos professores pesquisados acumulam outros cargos, enquanto 46% apenas lecionam. Com relação ao tempo de docência, 75% enquadram-se entre 1 a 10 anos, 14,3% entre 11 e 20 anos de trabalho docente, e 10,7% entre 21 e 25 anos e quanto à jornada de trabalho, 25% trabalham até 20 horas semanais, 28,6%

trabalham de 21 a 40 horas semanais, 25% de 41 a 60 horas semanais e 21.4% trabalham mais de 60 horas semanais.

Analisando os resultados separando a amostra por subgrupos, de acordo com as variáveis intervenientes, observa-se um baixo grau de correlação entre os resultados e as diversas variáveis consideradas como relevantes.

Para uma visualização mais clara, optou-se por apresentar os resultados parciais, em tabelas, com a distribuição dos sujeitos por categoria.

O resultado obtido para cada subgrupo é apresentado nas tabelas a seguir:

A pontuação média obtida pelo grupo de sujeitos do sexo masculino é igual à obtida pela amostra total, sugerindo não haver influência do gênero, quando o assunto é a influência da profissão professor na saúde e bem-estar do docente universitário. Dos 28 professores, 13 encontram-se ligeiramente abaixo da média, enquanto 15 estão situados igual ou superior à média. Apenas um sujeito obteve resultado discrepante, com um percentual de 25% de vivências de emoções e reações prejudiciais à saúde.

Analisando separadamente o subgrupo dos solteiros, pode-se observar que a pontuação cai, ficando na média em 75,8 pontos que equivalem a um percentual de 15,8% de ocorrências de emoções desfavoráveis, para um percentual de 84,2 de emoções e reações saudáveis.

De 05 pesquisados solteiros 02 encontram-se ligeiramente abaixo da média, 01 muito abaixo da média e 01 muito acima da média, é importante observar que o sujeito solteiro que está muito acima da média, com 92% de satisfação, tem 62 anos de idade, enquanto o que está muito abaixo, com 75% de satisfação, tem 26 anos. Logo, o fator idade, isoladamente está aí demonstrado que não responde por si só como desencadeante de conflitos, insatisfação e infelicidade do professor.

Os participantes masculinos solteiros representam 11,4 % da amostra pesquisada, com idade média de 38,4 anos, 02 professores acumulam cargos e 03 apenas lecionam.

Tabela 10 – Variáveis e resultados dos sujeitos do sexo masculino, solteiros.

cód	Idade em anos	gên	Est. civil	Acum cargo	Título	Tempo doc/anos	h/aula sem	H outr	h.trab geral	Pont indiv
114	62	Masc	solt	Sim	Ms.inc	10	28	0	28	83
119	26	Masc	solt	Não	Ms	2	22	0	22	68
125	37	Masc	solt	Sim	Ms	5	20	15	35	73
132	38	Masc	solt	Não	Dr.inc	7	8	0	8	78
139	29	Masc	solt	Não	Dr.inc	8	24	20	44	77
	Méd: 38,4			2 sim 03 não	02 dr 02ms 01 Ms	6,4	20,4	07	27,4	Méd: 75,8 84,2%

Dos 28 participantes do sexo masculino, 05 são solteiros, com idade entre 26 e 62 anos, que equivale a uma média de 38,4 anos. O tempo que exercem a docência superior variou entre 02 e 10 anos, uma média de 6,4 anos. Dos solteiros, 2 acumulam cargos, enquanto 03 apenas lecionam. A carga horária de aulas varia de 08 a 28 h/aulas, resultando numa média de 20,4 horas aulas semanais. Os que acumulam cargos trabalham em outras funções entre 15 e 20 horas semanais, no geral, representa uma carga horária semanal de 07 horas por sujeito solteiro da amostra.

O tempo médio de docência entre os solteiros é de 6,4 anos, o número de horas aulas semanais médio é de 20,4 h, as horas trabalhadas em outros cargos são em média 07 h por participante e a média do total de horas semanais trabalhadas resultou em 27,4 horas.

A pontuação e o percentual de emoções e reações positivas vivenciadas pelos participantes solteiros, ficou ligeiramente abaixo da média geral. A pontuação média da amostra foi de 77,84 pontos e o percentual foi de 86,5%, enquanto a média de pontuação dos solteiros foi de 75,8 e o percentual foi de 84,2%. Com base nesses resultados, pode-se sugerir que no caso dos solteiros não há correlação entre o estado civil e o resultado, quando comparado ao resultado da amostra pesquisada.

A seguir, a Tabela 11 mostra os dados referentes aos participantes masculinos com estado civil indefinido:

Tabela 11 – Variáveis e resultados dos sujeitos do sexo masculino, com estado civil indefinido.

cód	Idade anos	gên	Est. civil	Acum carg	Titulo	Temp doc/anos	Aulas sem	H/outr cargos	h/tr. geral	Pont indiv
109	36	Masc	Outr	Sim	Ms.inc	4	20	44	64	75
123	45	Masc	outr	sim	Ms.inc	10	16	49	65	75
Méd:	40,5					07	18	46,5	64,5 h	
Percent				100%	100%					83,3%

Os resultados obtidos pelos sujeitos com situação civil indefinida, ficou abaixo dos resultados médios dos casados e também dos solteiros, apresentam jornada de

trabalho excessiva, um índice de 16,7% de vivências estressantes no cotidiano de trabalho e se referem a tristeza, depressão, irritabilidade, falta de entusiasmo e frustração, como emoções e reações vivenciadas no cotidiano de trabalho.

Observa-se entre os participantes masculinos, de estado civil indefinido uma carga horária total de trabalho excessiva, em média 64,5 horas semanais de trabalho, a média de idade é de 40,5 anos, o tempo médio de docência é de 07 anos, a média de horas aulas semanais é de 18 horas, enquanto a média de horas trabalhadas em outros cargos é de 46,5 horas semanais. Esse foi o subgrupo que apresentou a mais baixa média de pontuação, 75 pontos e o mais elevado percentual de vivência de emoções e reações negativas, de insatisfação, frustração, entre outras.

Neste subgrupo a jornada de trabalho excessiva ficou evidente e poderia estar influenciando a saúde e o bem estar do professor, porém, analisando separadamente o subgrupo dos sujeitos que se submetem a uma jornada de trabalho excessiva, superior a 60 hora semanais, observa-se que esse dado não se confirma, o que sugere que a jornada de trabalho isoladamente não estaria sendo responsável pelo mal-estar dos professores, com estado civil indefinido.

O percentual de emoções e reações negativas vivenciados pelos participantes casados do sexo masculino representam 48% da amostra total e 75% do subgrupo de professores do sexo masculino. A média de idade entre eles é de 42,6 anos, 12 (57%) acumulam cargos, enquanto 09 (43%) apenas lecionam. O tempo médio de docência em anos é de 10 anos, o número médio de horas/aulas semanais é de 17 horas e a média de horas semanais em outras funções é de 23 horas semanais. O total de horas semanais de

trabalho variou de 04 a 72 horas, resultando numa média de 40 horas semanais de trabalho por sujeito pesquisado, ligeiramente inferior à média do total de horas trabalhadas pelos de estado civil indefinido, no entanto, quando se analisa a média de horas totais trabalhadas pelos sujeitos casados, do sexo masculino, que acumulam cargos, o resultados é altamente significativo, chegando a uma jornada de trabalho média de 55,16 horas.

A pontuação média dos sujeitos masculinos casados é superior à dos subgrupos de solteiros e indefinidos, o percentual de vivência de emoções e reações negativas, é muito menor, evidenciando que os professores masculinos casados, encontram maior satisfação no cotidiano de trabalho do que os demais, ou seja, sentem-se indispostos, insatisfeitos, tristes ou frustrados, apenas em 12,6% de seu cotidiano de trabalho, resultado significativamente mais favorável do que o apresentado pela amostra total, enquanto os demais se situam entre 16 e 17%.

A Tabela 12 a seguir demonstra os valores parciais, totais e médios obtidos pelo subgrupo dos professores de ensino superior casados, do sexo masculino.

Tabela 12 - Resultados parciais dos sujeitos masculinos casados

sujeito	Idade	Gen.	Est.civil	Ac. carg	Título	doc/anos	h/aula sem	H trab/outr	h.trgeral	Pont. Indiv
101	32	Masc	Cas	não	Dr.inc	5	22	0	22	70
102	31	Masc	Cas	não	Ms.inc	3	18	0	18	81
103	39	Masc	Cas	sim	Ms.inc	4	32	40	72	83
104	27	Masc	Cas	sim	Ms	2	4	40	44	78
106	35	Masc	Cas	Sim	Ms	9	26	30	56	75
110	44	Masc	Cas	Sim	Ms	18	20	50	70	79
111	46	Masc	Cas	Sim	Esp.	14	16	40	56	75
112	42	Masc	Cas	Não	Dr.inc	5	14	0	14	83
116	68	Masc	Cas	Não	Ms	20	8	0	8	74
122	42	Masc	Cas	Sim	Ms	10	20	20	40	78
124	49	Masc	Cas	Sim	Esp.	8	16	44	60	72
126	36	Masc	Cas	Sim	Ms	3	14	40	54	81
127	44	Masc	Cas	Sim	Dr.inc	16	22	40	62	83
129	41	Masc	Cas	Não	Dr.inc	5	4	0	4	77
130	43	Masc	Cas	Sim	Ms.inc	10	8	40	48	87
131	51	Masc	Cas	Sim	Ms	23	22	40	62	86
133	65	Masc	Cas	Não	Dr	20	8	32	40	79
134	41	Masc	Cas	Sim	Dr	13	22	16	38	74
138	46	Masc	Cas	Não	Ms	6	16	2	18	81
140	32	Masc	Cas	Não	Dr.inc	5	36	0	36	82
141	40	Masc	Cas	Não	Dr.inc	5	12	8	20	74
Média	42,6 anos					10/anos	17h/sem	3h/se m	40h	78,7
Percent			48%							87,4%

Os resultados parciais por subgrupos de participantes do sexo feminino, um quadro com os resultados e as variáveis referentes às casadas, às solteiras e às que se enquadram como indefinidas, poderá além demonstrar os resultados parciais por gênero, facilitar uma análise mais pormenorizada.

Das 16 Professoras que participaram da pesquisa, 56% são casadas, 19% são solteiras e 15% enquadram-se em outras condições não especificadas.

Quanto à idade, a média é de 41,5 anos sendo que 28,6% enquadram-se na faixa entre 31 a 40 anos, 18% entre 51 a 60 anos e as demais: 3,6% entre 26 a 30 anos de idade e 7,2% entre 41 e 50 anos. Quanto ao acúmulo de cargos, 62,5% desempenham outros cargos e 37,5% apenas lecionam.

O tempo médio que lecionam no ensino superior é de 11,5 anos e quanto à jornada de trabalho: 43,75% trabalham até 20 horas semanais, 37,5% entre 21 e 40 horas, 12,5% entre 41 e 60 horas semanais e 01 se submete a uma jornada de 66 horas de trabalho semanais.

O quadro a seguir mostra a distribuição das participantes do sexo feminino, incluindo pontuação individual, total, e as médias obtidas nas variáveis consideradas relevantes.

Tabela 13: Variáveis e pontuações referentes às participantes do sexo feminino.

Suj.	idade	Gên.	Est. Civil	acúm-cargo-doc	titulo	tpo-doc (anos)	aulas sem.	horas outros cargos	h/trab /sem.	Pontos indiv
105	35	Fem	cas	Sim	Esp.	1	8	58	66	74
107	34	Fem	cas	Sim	Ms	12	22	6	28	80
108	54	Fem	cas	Não	Ms	23	22	4	26	70
113	58	Fem	cas	Sim	Esp	23	12	15	27	70
115	32	Fem	cas	Não	Dr	1	8	12	20	81
117	35	Fem	cas	Sim	Ms.in c	7	4	0	4	80
118	34	Fem	solt	Não	Ms	3	12	0	12	76
120	47	Fem	cas	Não	Ms	13	20	8	28	81
121	38	Fem	cas	Sim	Ms	2	20	0	20	76
128	30	Fem	solt	Não	Ms	4	28	0	28	80
135	55	Fem	outr	Não	Ms.in c	20	5	40	45	64
136	40	Fem	cas	Não	Dr	5	28	10	38	84
137	42	Fem	cas	Não	Esp	18	8	0	8	79
142	35	Fem	Solt	Sim	Ms	5	8	40	48	87
143	57	Fem	Outr	Não	Grad.	25	13	0	13	81
144	57	Fem	Outr	Não	Ms	20	12	0	12	81
Méd	41,5 anos					11,5 anos	15h /sem	12 h/sem	26,5 h/sem	77,75

Tabela 14: Participantes do sexo feminino, solteiras – Variáveis e Pontuações.

Suj	Idade anos	Gen	Est Civ	acúm-cargo-doc	Título	tempo-doc (anos)	h. aulas sem.	h/outr cargos	total h/trab /sem	Pontos indiv.
118	34	Fem	Solt	Não	Ms	3	12	0	12	76
128	30	Fem	Solt	Não	Ms	4	28	0	28	80
142	35	Fem	Solt	Sim	Ms	5	8	40	48	87
Méd.	33					04	16	13,3	29,3	81
Perc.										90%

As professoras solteiras, em número de três, representam 18% da amostra feminina e da amostragem geral representam 06,8%.

A média de idade entre as solteiras é de 33 anos e apenas uma das três acumula outro cargo além das funções docentes, num total de 40 horas semanais. A carga horária de aulas semanais é em média 16 horas e a média do total de horas trabalhadas é de 29,3.

Quanto à titulação, todas as professoras solteiras da amostra pesquisada, são mestras.

As professoras de ensino superior solteiras obtiveram o maior índice de pontuação, apresentando uma média de 81 pontos o que equivale a apenas 10% de vivências estressantes, desagradáveis, de tristeza e 90% de emoções e reações positivas, agradáveis, de satisfação e bem estar no cotidiano de trabalho.

A idade média e a jornada média de trabalho das professoras universitárias solteiras são as menores de todos os subgrupos, o mesmo ocorre com o tempo médio de docência superior o total de aulas semanais.

Vejam os resultados da pesquisa no subgrupo de participantes casadas:

A pontuação e o percentual obtidos pelo subgrupo das participantes do sexo feminino, casadas, ficou tecnicamente igual aos resultados da amostra total, a média de horas semanais trabalhadas pelas professoras casadas é 26,5 horas, muito inferior à média de horas trabalhadas pelos homens casados que é de 40 horas e muito próxima à média de horas trabalhadas pelas professoras solteiras, que é de 29,3 horas semanais.

Tabela 15 - Quadro com os resultados parciais das professoras casadas.

Suj. Cód.	Idade em anos	Gên	Est. Civil	acúm-cargo-doc	título	tempo doc (anos)	h. aulas sem.	h outros cargos	total h/trab /sem.	Pont. indiv
105	35	Fem	cas	Sim	Esp.	1	8	58	66	74
107	34	Fem	cas	Sim	Ms	12	22	6	28	80
108	54	Fem	cas	Não	Ms	23	22	4	26	70
113	58	Fem	cas	Sim	Esp.	23	12	15	27	70
115	32	Fem	cas	Não	Dr	1	8	12	20	81
117	35	Fem	cas	não	Ms.inc	7	4	0	4	80
120	47	Fem	cas	Não	Ms	13	20	8	28	81
121	38	Fem	cas	não	Ms	2	20	0	20	76
136	40	Fem	cas	Não	Dr	5	28	10	38	84
137	42	Fem	cas	Não	Esp.	18	8	0	8	79
Méd:	Méd. 41,5					Méd. 10,5	Méd: 15,2	Méd: 11,3	Méd: 26,5	Méd. 77,5

Das 10 participantes casadas, 20% são doutoras, 40% são mestres, 10% está em fase de conclusão do mestrado, e 20% são especialistas. 50% acumulam outros cargos e 50% apenas lecionam. A idade das participantes é em média 41,5 anos. O tempo de docência é em média de 10,5 anos. As participantes casadas lecionam em média 15,2 h semanais.

As horas de trabalho em outros cargos variaram de 4 a 58 horas semanais, resultando numa média de 11,3 horas semanais, considerando que apenas 05 (50%) das mulheres casadas exercem outras profissões, a média de horas trabalhadas pelas 05 participantes é de 22,6 horas semanais.

A carga horária total de trabalho das mulheres casadas dessa amostra é de 26,5 h semanais.

Os resultados apontam uma média de pontos igual a 77,5%, que corresponde a um percentual de 86% de emoções e reações positivas, de satisfação, alegria, bem estar, contra um percentual de 14% de emoções e reações desfavoráveis à saúde.

O resultado obtido pelo subgrupo das professoras casadas apresenta-se ligeiramente inferior ao da amostra total, e praticamente igual ao obtido pelas professoras em geral, ficando significativamente abaixo do resultado obtido pelo subgrupo de professoras solteiras.

Vale observar que a pontuação cai significativamente quando se trata do subgrupo de professoras que assumem responsabilidades familiares, porém não se consideram

casadas, nem solteiras, enquadram-se no grupo de indefinidos, aqui denominado “outros”.

A Tabela 16 a seguir mostra a dimensão dessas diferenças:

Tabela 16 – Resultados parciais das professoras com estado civil indefinido.

Suj. Cód.	Idade em anos	Gên	Est. Civil	acúm-cargo	titulo	tempo doc (anos)	h. aul sem.	h outr cargos	total h/ trab /sem.	Pont. indiv
135	55	Fem	outr	Não	Ms inc	20	5	40	45	64
143	57	Fem	Outr	Não	Grad	25	13	0	13	81
144	57	Fem	Outr	Não	Ms	20	12	0	12	81
	Méd: 56,3			Ñ: 03		21,7	Méd: 10		23,3	75,3
Perc.										83,7%

Das professoras que não se identificam como casadas, nem solteiras, enquadrando-se na categoria “outros” observa-se resultados inferiores com relação às demais, sugerindo nível mais elevado de frequência de emoções e reações desfavoráveis ao bem estar e à saúde. 75,3 pontos em média, indicam que 16,3% das emoções e reações vivenciadas pelas professoras de estado civil “indefinido” são negativas.

Foram descartadas várias das possibilidades, estariam as diferenças de titulação influenciando na felicidade do professor universitário?

A Tabela 17 a seguir pode ser a resposta? Vejamos:

Tabela 17 – Variáveis e Resultados referentes aos doutores.

sujeito	Idade anos	gên	Est civil	Acum cargo	Tit.	Tpo Doc anos	h aulas sem	h/sem outros	Total h trab/sem	pont
115	32	Fem	cas	Não	Dr	1	8	12	20	81
133	65	Masc	cas	Não	Dr	20	8	32	40	79
134	41	Masc	cas	Sim	Dr	13	22	16	38	74
136	40	Fem	cas	Não	Dr	5	28	10	38	84
Total: 04										79,5
Média:	44,5					9,75	16,5h	17,5h	34h	
Perc.:		50%	100%	70%	100%					

Não há diferença significativa nos resultados obtidos pelos professores com nível de doutorado. Os resultados obtidos na pesquisa piloto apontaram uma leve tendência do

doutorado influenciar na satisfação e felicidade dos professores, avaliando os mesmos itens com uma amostra maior, mais significativa essa tendência ficou praticamente nula.

A análise dos resultados totais sugere também que a vida em família pode influenciar a saúde e o bem estar no trabalho do professor universitário, uma vez que tanto professores do sexo feminino, quanto masculino, obtiveram uma pontuação que indica percentual de aproximadamente 17% de emoções negativas, prejudiciais à saúde e ao bom relacionamento no cotidiano de trabalho.

Analisando os resultados parciais individualmente, teremos uma outra visão. Por exemplo: no caso dos professores masculinos de estado civil indefinido, o resultado médio do subgrupo e o resultado individual é o mesmo (aproximadamente 17%), porém, no caso das professoras de estado civil indefinido teremos no grupo a média igual à dos masculinos, porém 2/3 dos sujeitos apresentam individualmente 81 pontos, isso representa um percentual de 90%, que corresponde ao mesmo resultado das professoras solteiras. Nesse subgrupo 1/3 obteve resultado 64, que equivale a 71%, logo, de três professoras apenas uma convive com emoções desagradáveis e reações conflituosas na proporção de 29%, contra 71% de emoções e reações positivas.

Esse índice é alarmante, quando o assunto é promoção de saúde, porém, em entrevista, o sujeito explica a atuação apenas 05 horas em ensino superior, como uma fonte de renda complementar, e 40 horas no ensino médio em escola estadual, no qual goza de estabilidade. Refere-se à interrupção do mestrado após ter concluído os créditos, por falta de condições financeiras para prosseguir. Refere-se também a uma separação precoce do cônjuge, quando tinha dois filhos menores, tendo que se sobrecarregar de trabalho para criá-los.

Dentre os sujeitos do sexo masculino, observou-se um professor com um percentual muito elevado de emoções e reações negativas, equivalentes a 25%. Ouvido em entrevista, esclareceu que concluiu a graduação e ingressou diretamente no mestrado, concluiu o mestrado aos 26 anos de idade, quando não tinha prática na profissão, nem habilidades didáticas para o ensino universitário, momento em que em função da titulação foi aumentada sua carga horária de aulas. Foi convidado para um mínimo de aulas, para ingressar na carreira docente, pelo motivo de estar cursando o mestrado. Nunca havia pensado em ser professor.

Os maiores percentuais também foram alvo de nossa entrevista semi-dirigida. Foram entrevistados um do sexo masculino e um feminino, ambos com a pontuação máxima

obtida, que corresponde a 87% de emoções positivas, favoráveis ao bem-estar e à saúde do professor. O pesquisado do sexo masculino, com maior percentual de satisfação,

A participante do sexo feminino com maior pontuação, equivalente a aproximadamente 97% de satisfação no cotidiano de trabalho docente, cita que além de exercer durante 08 horas semanais as funções docentes no ensino superior, trabalha em outras atividades 40 horas semanais, aponta como concordância parcial prazer na preparação prévia das aulas e o desejo de retornar após longo período de férias.

Quanto ao sujeito da pesquisa, de sexo masculino, com maior pontuação, também equivalente a 87% de satisfação, além de uma carga horária semanal de 22 horas na docência superior, trabalha outras 40 horas em atividades administrativas. Este dado vem corroborar o que já foi citado anteriormente, que a jornada de trabalho excessiva, por si só, não é determinante de conflitos, insatisfação, desprazer, irritabilidade, ou outras barreiras à saúde e felicidade do professor universitário.

A pontuação poderia variar de 30 a 90 pontos, sendo que um resultado de 90 pontos, significa 100% de satisfação no cotidiano de trabalho, com vivências apenas de emoções e reações positivas, favoráveis à saúde e ao bem estar do professor universitário, 30 pontos representa o mínimo, e que a maior parte das emoções e reações do professor universitário em seu cotidiano de trabalho (70%) é desfavorável ao bem-estar e prejudicial à saúde.

A pontuação obtida pelos pesquisados ficou entre 64 pontos e 87 pontos, resultando numa média de 77,84 pontos, o que equivale a 86,5 %, apontando um resultado que indica que 13,5% das emoções vivenciadas pelos professores de ensino superior, da amostra pesquisada, são negativas, provocando reações que interferem na saúde e no bem-estar do professor.

Analisando as respostas em função do total de horas trabalhadas, pode-se observar que os 03 sujeitos que trabalham até 20 horas semanais, não apresentam respostas totalmente negativas (discordo totalmente) para questões que apontam as atividades ou as condições de trabalho como favoráveis, sendo que apenas 30% das respostas referem-se a concordância parcial de que os professores vivenciam emoções negativas, como raiva, depressão, tristeza, desânimo, em decorrência das atividades profissionais e 70% concordam totalmente com as questões que enfatizam a profissão do professor como salutar. Entre os professores que trabalham um total de 21 a 40 horas semanais, em número de sete, observa-se que aparecem 03 respostas que apontam discordância total com relação

às afirmativas que prestigiam a instituição, suas atividades e condições de trabalho enquanto promotoras de bem-estar, de satisfação, de prazer.

Na categoria de professores que trabalham um total entre 41 horas e 60 horas semanais, participaram da pesquisa 07, neste não ficou evidente discordância total com relação à obtenção de prazer e satisfação nas atividades docentes, sendo este o subgrupo com maior jornada de trabalho, é composto de 02 femininos e 05 masculinos. Vale ressaltar que considerando a pontuação e o percentual médio, esse não foi o subgrupo com maiores emoções negativas, pelo contrário, situam-se ligeiramente acima da média quando o assunto é satisfação, alegria, prazer no trabalho.

De acordo com a análise dos fatores de correlação, pode-se observar que não há correlações significativas entre as emoções e reações vivenciadas pelos professores universitários, em seu cotidiano de trabalho, em função das variáveis.

2 Discussão

Os dados levantados na pesquisa sugerem que as atividades profissionais exercidas por professores de ensino superior, que lecionam em Instituições de ensino superior de direito privado, no interior do Estado de São Paulo, região noroeste, favorecem a vivência de emoções favoráveis ao bem-estar e à saúde do professor. A frequência de emoções positivas prevalece em maior grau, 86,5% para 13,5 % de emoções negativas, quando os dados são analisados considerando a mostra total. Vale ressaltar a importância de uma análise mais profunda do que esse pequeno percentual significa em termos de danos, de prejuízos à saúde e ao bem-estar do professor. O que essas emoções representam para cada um que as vivencia.

Um dado importante, e até certo ponto surpreendente, foi observado, foram entregues os questionários a 44 professores sendo que todos responderam e os devolveram no prazo pré-determinado, retorno de 100% no prazo previsto. Isso pode significar uma abertura, um interesse em participar de forma ativa dessa pesquisa educacional. As questões que se referem a conflitos interpessoais e com a instituição, raramente receberam concordância total. Os raros resultados altamente desfavoráveis, e também, os altamente favoráveis, foram alvos de entrevista semi-dirigida, visando a compreensão dos possíveis elementos determinantes das emoções conflitantes, estressantes, ou deprimentes.

Os sujeitos com altos índices de emoções negativas apontam problemas de ordem interpessoal, familiar, alta demanda de responsabilidade financeira para o sustento familiar, falta de aptidão e habilidades específicas para o exercício da profissão, em nenhum momento apontam a profissão em si como determinante de infelicidade ou insatisfação. Referem-se à irritabilidade, impaciência, agitação, tensão, desânimo e frustração, principalmente com relação à preparação de aulas e correção de provas, discordam totalmente quanto à possibilidade das atividades docentes serem prazerosas e poder propiciar momentos felizes. Isso nos remete às considerações de Morosini sobre o sentido ambivalente de potência e impotência, o sujeito desta pesquisa que aos 26 anos é mestre, vê-se diante da oportunidade de “estar”, quando o ideal seria “ser” professor universitário. Não encontra sentido, nem satisfação, alega ser professor por acaso, não por “vocação”,

pensava em ser pesquisador, mas hoje se avalia como despreparado para integrar uma equipe de pesquisa, afirma que não pensa em deixar de ser professor. Nesse caso, sugere-se que o professor seja submetido a um programa de formação continuada, tenha acesso a um “suporte” psicopedagógico, realize o planejamento do curso e de aulas em conjunto com professores de disciplinas afins para que possa estabelecer a interdisciplinaridade, receba apoio e acompanhamento.

Nesse caso, a carência de professores portadores de titulação, aliada às exigências impostas pelo sistema de ensino superior, favoreceram esse “descaminho” que será percorrido por esse professor, que com um bom preparo didático e apoio psicossocial poderá descobrir o prazer de ser professor universitário, ou ainda, outras possibilidades de aplicar profissionalmente os conhecimentos adquiridos. Essa situação demanda um alto grau de energia psíquica, gerando tensão, ansiedade, insegurança, irritabilidade, desânimo, entre outros sentimentos e emoções desfavoráveis à saúde e ao desenvolvimento do professor. Esse esforço excessivo, mesmo que inadequado, na tentativa de equacionar as demandas, acaba gerando conflitos existenciais, que tanto poderão ser amenizados, quanto agravados com o decorrer do tempo, dependendo do que esse conflito representa para o sujeito em questão.

Reinhold (1995) refere às condições físicas, sociais e psicológicas do professor, suas características pessoais e suscetibilidade ao estresse, a frequência e intensidade da exposição a fatores ou situações estressantes, como determinantes das reações do professor no seu cotidiano no trabalho podendo gerar sintomas diversos:

De nível psíquico (Frustração, raiva, autoconceito rebaixado, ansiedade, absenteísmo, sensação de "sem saída" ou de estar condenado àquela situação, isolamento mental, satisfação reduzida no trabalho e depressão).

Social (Irritação e explosões de raiva com colegas e familiares, isolamento social, mau relacionamento social).

De nível fisiológico (Cansaço crônico, desempenho inadequado, reações somáticas, tais como: palpitações cardíacas (taquicardia), náuseas, manchas pelo corpo, queda de cabelo, doenças respiratórias, hipertensão, gastrite, úlceras, dor de cabeça).

De nível emocional (As suas emoções e a sua saúde física dependem, quase que exclusivamente, da sua interpretação do mundo exterior).

Os sintomas de nível psíquico e social ficam evidentes, quando analisamos os resultados desta pesquisa, embora na grande maioria, ou quase totalidade, não assumam proporção ou intensidade que caracterize uma patologia, mas sim algo que pode ser superado com os benefícios decorrentes da própria profissão, como: o prazer de ser professor, as relações amistosas com colegas e com alunos, a intensificação da participação em eventos sociais, o lazer em finais de semanas, feriados e férias, o contato com a natureza.

Para Bleger (1984), não se pode desvincular a atividade profissional, do ambiente em que o trabalho é desenvolvido. Se o ambiente de trabalho do professor universitário é harmonioso e as atividades de um modo geral propiciam vivências agradáveis, de bem-estar, podemos inferir que o cotidiano de trabalho do professor propicia a vivência de emoções positivas, que favorecem o seu desenvolvimento intelectual e o seu bem-estar psicológico e social.

O fato de não adoecer, por si só, não satisfaz quando o assunto é psicologia da saúde. Bleger (1984) preconiza que o que realmente interessa é o desenvolvimento integral das pessoas e da comunidade e não apenas a ausência de doenças. A ênfase na saúde mental desloca-se da doença à saúde e à observação de como os seres humanos vivem em seu cotidiano.

Se as emoções dos professores são positivas, de bem-estar e a pequena proporção que foge a esse critério não chega a interferir na sua satisfação, felicidade, então pode-se considerar a profissão professor de ensino superior como favorável ao desenvolvimento e à saúde do professor, confirmando o que preconiza Bleger. Na amostra pesquisada podemos sugerir que as emoções e reações dependem do que a profissão representa para cada professor, do sentido de vida, da afetividade e não das atividades específicas da profissão, do tempo em que o profissional atua, da jornada, ou de outros fatores relativos às condições em que as funções são exercidas.

Para Sanches (1994, p. 43) também a afetividade ocupa lugar especial no processo ensino-aprendizagem, defende ainda que a auto-estima é fator essencial na educação, cresce com a aprendizagem e a experiência de produtividade.

A afetividade, segundo Sanches, é de alta relevância na relação professor-aluno, pois o amor, a raiva, a simpatia afetam essas relações. Essas afirmações de Sanches são totalmente coerentes com os resultados, com as respostas dos professores, reforçando a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem.

A análise dos resultados totais sugere também que a qualidade de vida em família também pode influenciar a saúde e o bem estar no trabalho do professor universitário, uma vez que tanto professores do sexo feminino, quanto masculino, que do seu ponto de vista encontram-se conflituosos, indefinidos quanto ao estado civil, apresentam evidências de um alto índice de conflitos existenciais, vivenciando emoções negativas e reagindo a elas de forma desfavorável à saúde.

Quando o assunto é saúde, não se pode negligenciar as exceções. É importante considerar e aprofundar os estudos, de forma individualizada, dos sujeitos com resultados muito aquém da média, para um diagnóstico e encaminhamento.

Codo pressupõe que as mudanças ocorridas no mundo do trabalho apontam para uma nova forma de relação entre ciência e trabalho, onde as formas de fazer, determinadas a partir de processos técnicos simplificados, passam a ser substituídas por ações que articulem conhecimento científico. Isso pode representar um momento de crescimento, de desenvolvimento intelectual, de auto-realização.

Não foram detectados durante a pesquisa, dados que demonstrem que o professor universitário esteja se sentindo prejudicado ou desvalorizado em função das atividades laborais. Quando abordada a escolha profissional, durante as entrevistas, os participantes chegam a considerar como categoria profissional até certo ponto privilegiada. Não referem a interesse em deixar a profissão, acreditam que em maior ou menor proporção, todas as profissões têm seus percalços. Também não abordam a opção de ser profissional de ensino superior como sendo uma escolha para a qual se ingressou de forma prevista, planejada, mas sim que ocorreu em virtude de outras atividades, a convite em função de elaboração e apresentação de palestras, cursos de curta duração, participação em reuniões, ou ainda pelo fato de exercer funções afins, que tenham alguma relação com a disciplina a ser lecionada.

Os professores entrevistados consideram que as emoções negativas que vivenciam não chegam a afetar o gosto pela realização das atividades docentes, e que em nenhuma profissão existe satisfação absoluta.

Consideram também que a convivência em família, festas de época, os passeios rurais em “ranchos”, pescarias, são verdadeiras terapias que recarregam as energias para o retorno às aulas. Essa “qualidade de vida”, característica comum na região pesquisada, pode assumir certo grau de responsabilidade pelas condições de saúde dos professores universitários.

Quanto à questão da importância da afetividade, encontramos apoio em Schraml que explica a importância da pedagogia psicanalítica para a compreensão das motivações e dos afetos na educação; enquanto Bowlby, nos favorece a compreensão das relações de apego e os vínculos que envolvem as relações sociais e profissionais, consolidando os resultados com a clareza que aborda a questão do apego e do vínculo.

Bion, que nos trouxe importantes contribuições para a compreensão da afetividade presente nas relações professor-aluno e na possibilidade de desenvolvimento da capacidade de tolerar frustrações, mostra com clareza a importância a possibilidade de crescimento de ambos, quando a relação ocorre de maneira saudável na qual ambos aprendem. No que se refere a uma cultura afetiva e social verdadeira, implica que o indivíduo deve viver seus impulsos instintivos, sem entregar-se a excessos, nem recalá-los, contanto que ele não prejudique os seus semelhantes, mas que mantenha com eles uma relação de reciprocidade, empregando sua energia disponível para fins culturais.

Voltando às considerações de Bion sobre a sublimação como forma de adaptação, entendendo o termo adaptação como integração plena do indivíduo ao mundo que o cerca, sendo que se o indivíduo passa a ser semelhante a esse meio, até suas necessidades íntimas se confirmam às exigências deste universo ambiente; essa seria a adaptação passiva.

O indivíduo tem tendência a integrar o mundo, com base em seus motivos pessoais, porém transforma as suas necessidades pessoais e seus impulsos instintivos conforme os valores integrados por seu meio exterior e legitimados como motivos de reação a essa adaptação que Schraml denominou “adaptação ativa”. Essa visão comum a Bion e Schraml, fortalece a legitimidade dos resultados deste estudo.

A visão freudiana de que o trabalho pode funcionar como canal para o exercício da criatividade e da sublimação de pulsões sexuais e agressivas, o que o aproximaria muito mais do pólo da saúde mental, fica aqui evidente e mostra ser definitivamente coerente, quando se observa a quase totalidade dos sujeitos pesquisados manifestando satisfação em ser professor, alegando estar mais engajado socialmente depois que ingressou na carreira docente, prazer em contribuir para a realização profissional dos alunos e em desenvolver atividades peculiares à profissão.

Sendo a afetividade um dos fatores preponderantes para o desenvolvimento saudável do sujeito, é fundamental nos atermos ao conceito de felicidade.

O conceito de felicidade depende da subjetividade do professor, para tanto estamos considerando aqui o conceito formulado por Monaci (1995). Para Monaci, felicidade ou

bem-estar definem uma vivência saudável, de profunda satisfação, contentamento, alegria. Vivências são experiências que ocorrem na vida dos seres humanos, com maior ou menor intensidade, que geralmente não são constantes e sofrem influência de situações externas que podem, ou não, serem provocadas pela pessoa e também dependem de como a pessoa as percebem.

Para uma visão mais filosófica existencial recorremos a subsídios teóricos nos estudos realizados por Cintrão Forghieri. Para Cintrão, vivência é a percepção que o ser humano tem de suas próprias experiências, atribuindo-lhes significados que, com maior ou menor intensidade, sempre são acompanhados de algum sentimento de agrado ou desagradado. Para Forghieri, o existir humano saudável é composto de momentos de equilíbrio psicológico, com vivências de bem-estar e tranquilidade, que se alternam com vivências ameaçadoras, de contrariedade e angústia, que são superadas à medida em que a pessoa adquire coragem para enfrentá-las e superá-las.

Na amostra pesquisada, observa-se que o propósito do professor de ensino superior é o encontro da felicidade, sendo que nessa conquista do "ser feliz" em inúmeras limitações e barreiras, tanto internas, quanto externas, o saldo do esforço geralmente é positivo, gratificante, prazeroso.

Entendida dessa forma, a relação homem-trabalho passa a ser concebida como fruto da articulação de diferentes elementos, através da mediação das relações que ocorrem no trabalho e na vida, resultando de vários determinantes subjetivos e objetivos, como a primeira socialização, a natureza das relações sociais vividas em família e fora dela, a escolaridade, o acesso a informações, a origem de classe, a duração e a profundidade das experiências laborais e sociais, entre outras.

Em "O Trabalho e o Tempo": Codo (2000) alerta que os conflitos do mundo do trabalho são muitos: trabalhos mal feitos; problemas de compreensão das tarefas a realizar; necessidade de incorporar novos conhecimentos; dificuldades de comunicação; o afeto, cujo lugar de manifestação é o lugar do "íntimo-privado" tem cada vez menos possibilidade de se manifestar. Codo ressalta as mudanças abruptas como determinantes de situações que geram ansiedade, insegurança. Isso não foi evidenciado na amostra pesquisada, uma vez que o resultado demonstra um nível satisfatório de adaptação dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Para Codo (2000) A idéia de evolução, a noção de progresso, a sensação de estar realizando uma caminhada em alguma direção, o sentimento de que amanhã poderemos ser

mais felizes do que hoje, constituem noções e representações com base numa construção linear do tempo.

Codo considera que a nossa identidade profissional é produto de uma trajetória, realizada a partir de um plano de carreira instituído e institucionalizado. A carreira profissional é trilhada passado e presente; expectativa sábia de futuro; controle subjetivo imprescindível daquilo que é fato incontável. Nossa carreira confunde-se com a nossa vida. A cada promoção, corresponde um fato da vida fora do trabalho e a cada negação de promoção também. Estabelecem-se vínculos, pontes reais e imaginárias entre o “movimento” do trabalho e o “movimento” da vida.

Codo (2000) reafirma que as mudanças tecnológicas abruptas e os conflitos que os profissionais sofrem para manterem-se no mercado de trabalho vão gerando uma frieza, vai tomando conta do relacionamento, o controle desse fenômeno depende de como o professor vê a profissão que abraçou, o que essa profissão representa para ele e de como busca alternativas que lhe favoreçam a qualidade de vida no trabalho. Neste aspecto a amostra pesquisada não se enquadra. Temos grupos de professores nas faixas etárias mais avançadas, com um alto grau de felicidade e satisfação, lembrando, porém, que a pesquisa de Codo tem como sujeitos professores do ensino básico, de escolas das redes estaduais e municipais de ensino. Este estudo, porém, foi realizado com sujeitos de Instituições particulares, de ensino superior, da região noroeste do Estado de São Paulo.

Portanto, em se tratando de professor de ensino superior de instituições de direito privado da região noroeste do Estado de São Paulo, na amostra pesquisada, as afirmações de Codo não se confirmam, encontraram respaldo em apenas 13,5 % das situações vivenciadas pelos professores universitários, o que segundo os próprios professores, é algo transitório que se resolve com descanso e lazer. Vale ressaltar novamente que as pesquisas de Codo não foram realizadas com professores universitários, mas sim com professores do ensino básico de escolas estaduais, uma população que se submete a outro tipo de instituição, condições de trabalho e clientela.

Tomando por base os dados levantados, para reflexão, podemos concluir que as competências e habilidades necessárias ao desempenho da docência, em especial no ensino superior, incluem a presença de espírito, ou seja, o bom humor, a cordialidade, o gosto pela realização das tarefas inerentes à profissão, senso de organização, além das competências intelectuais e científicas condizentes com suas funções.

Para o exercício pleno da profissão, um professor de ensino superior precisa ser alguém disposto a conhecer e compreender seus alunos, a realidade que representam, os interesses e valores que defendem, mesmo que sejam muito distantes dos seus próprios.

E não vale dizer que os alunos são diferentes daqueles de um tempo passado, a qualquer tempo ele “é aluno”. Os alunos são pode ser mais jovens cronologicamente; menos experientes; profissionalmente; mais ruidosos e ousados; mas não deixam de ser alunos, como em qualquer outro tempo em que os tenhamos encontrado. Cumpre descobrir quem é, e como são eles: que linguagem falam, que sonhos alimentam, que castelos desenham e o que buscam na convivência com os professores.

A relação professor-aluno como vimos em Bion (1991) e Schraml (1976) envolve afetividade, estabelecem-se laços, vínculos, apegos, isso nos remete à necessidade de considerar o alto grau de emoções que envolve essa relações.

Quando nos referimos a emoções, o termo emoção está sendo aqui considerado como perturbação ou agitação súbita e passageira, pela surpresa ou pelo medo. As emoções referem-se a estados afetivos que quando experimentados, têm a propriedade de excitar e motivar o indivíduo. Elas podem ser de alegria, de medo, de ansiedade ou de raiva, entre outras.

Essas emoções são agradáveis ou desagradáveis, nos mobilizam para a atividade e tomam parte na comunicação interpessoal. Atuam como poderosos motivadores da conduta humana. As emoções podem ter um importante papel no bem-estar psicológico ou nos estados patológicos. Portanto, as emoções exercem influências sobre o estado de saúde e sobre o adoecimento através de suas propriedades motivacionais. Atualmente fala-se em emoções negativas e positivas, o termo emoções negativas se refere às emoções que produzem uma experiência emocional desagradável, como a ansiedade, a raiva e a tristeza, estas, consideradas as três emoções negativas mais importantes.

As emoções positivas são aquelas que geram uma experiência agradável, como a alegria, a felicidade ou o amor.

Segundo o médico Dr. Adib Jatene, em entrevista televisiva, quando era Ministro da Saúde, “hoje em dia há dados suficientes para podermos afirmar que as emoções positivas potencializam a saúde, enquanto as emoções negativas tendem a comprometê-la”.

Segundo os entrevistados, a adversidades estão presentes em qualquer ambiente, em qualquer época, consideram que são decorrentes de fatores diversos como: diferenças individuais, interesses e motivações diferentes, o que representa cada emoção vivenciada

para cada um dos envolvidos na situação, dentre muitos outros. Mencionam que para “extravasar” é comum os professores se reunirem em barzinhos onde passam momentos agradáveis, conversando, rindo, falando sobre praticamente tudo, menos sobre trabalho.

Para os participantes entrevistados, algumas insatisfações são fundamentais para alimentar a busca por melhores condições de trabalho e de relacionamento, não caindo na acomodação, uma vez que a plena satisfação de todas as necessidades humanas é utopia.

Nas reuniões, a participação ativa da maioria é segundo os entrevistados, uma das provas do comprometimento com a profissão, embora nem sempre as reuniões sejam produtivas, como deveriam ser e os profissionais nem sempre apresentem a mesma disposição em todas as ocasiões. Essa informação sugere que a satisfação no trabalho é condição indispensável para o compromisso de envolvimento da equipe.

Outro dado importante observado nesta pesquisa foi que os professores se mostraram dispostos a colaborar e, surpreendentemente, prontos a participar da pesquisa, houve 100% de devolução dos questionários, sempre no prazo previsto.

Esse estado de otimismo pode ser observado através das respostas, sendo que a pontuação obtida individualmente e pelo grupo de pesquisa como um todo, foi predominantemente positiva.

Os professores, embora considerando que se relacionam bem com as pessoas que convivem no cotidiano profissional, em 13,5 % das situações vivenciadas são expostos a emoções negativas, de insatisfação, de desprazer, que apesar de ser um índice significativamente menor do que o de emoções e reações positivas, sugere a necessidade de um estudo mais minucioso, podendo culminar com uma proposta de terapia individual, ou de grupo, na qual os participantes possam refletir a importância do que representa em suas vidas a profissão que exercem, as emoções que vivenciam durante o exercício das atividades profissionais, e os danos que poderão ocorrer na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida do profissional docente em razão desses 13,5 %, uma vez que a qualidade e a intensidade dessas emoções e reações, pode sobrepor a quantidade, ou frequência com que elas ocorrem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

A pesquisa foi realizada em quatro instituições de ensino superior, de três cidades do interior do Estado de São Paulo, região noroeste. Os professores participantes da pesquisa, em sua grande maioria, lecionam em mais de uma das três Faculdades, ou em outras faculdades particulares da região.

Os professores de ensino superior de instituições de direito privado, da região noroeste do Estado de São Paulo exercem intensas jornadas de trabalho, quer lecionando em mais de uma instituição, ou acumulando outros cargos em outras áreas, chegando em alguns casos, a ultrapassar a jornada de trabalho de 70 horas semanais.

Não foi observada a relação entre jornada de trabalho e presença de emoções negativas, de raiva, tristeza, ou de insatisfação, nem com relação às seguintes variáveis: tempo de magistério, acúmulo de cargos, faixa etária, gênero e titulação. Uma forte relação foi observada entre a condição familiar, (estado civil) e as emoções e reações positivas, de alegria, bem-estar satisfação entre os professores estado civil indefinido, deixando a possibilidade de se sugerir que a estrutura familiar influencia e é influenciada pelo bem-estar e pela saúde mental do professor, assim como o preparo didático, a segurança ou auto-confiança para o exercício das funções inerentes ao cargo,

Concluiu-se, portanto, que a saúde mental da maioria dos docentes universitários é satisfatória, bem como o ambiente de trabalho e o ambiente familiar. Aqueles docentes com saúde mental prejudicada foram orientados sobre a importância de estar buscando atenção psicológica preventiva.

4 REFERÊNCIAS

- BARROS, E.M.R – **O Inconsciente e a Constituição de Significados na vida Mental**. Psicol. USP. 1990, vol. 10, nº 1, p 97 – 117. ISSN 0103-6564.
- BEE, H. **A Criança em Desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BERTELLI, L.G. **Profissões: Guia para ajudar os jovens estudantes na escolha da carreira**, São Paulo: CIEE-2002.
- BION, W.R. **As transformações: a mudança do aprender para o crescer**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BION, W.R. **O Aprender com a Experiência**. Rio de Janeiro: Imago, 1961, (p. 186-187).
- BLEGER, J. **Psicologia da Conduta**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- BOWLBY, J. **Separação, angústia e raiva**, volume I e II da trilogia Apego e perda: Martins Fontes; 1ª edição brasileira: 1984.
- CARLOTTO, M.S.; GOBBI, M.D. **Síndrome de burnout: um problema do indivíduo ou do seu contexto de trabalho?** Texto disponível na Internet: <http://www.ulbranet.com.br/ulbra/psicologia/margob.htm> [04/05/02], 2002.
- CODO, W. & SAMPAIO, J. J. (orgs.). **O sofrimento psíquico nas organizações**. São Paulo: M. Fontes, 1995. (6)
- CODO, W. (coord.)). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COSTA, A. P. A. **O conteúdo afetivo no currículo escolar**. Revista de Educação da FAESA. V.1, nº 1. ago. 2000/ fev. 2001, p. 81-93.
- DEMO, P., “**Psicologia Online**”, Portal da Educação e da Saúde Mental, 2002.
- DESLANDES, S F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** - Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FRANÇA, A.C.L. **Stress e Trabalho – Uma Abordagem Psicossomática**, 2ª ed. Atlas, São Paulo: 1999.
- FREUD, SIGMUND, **Obras Psicológicas Completas** versão 2.0.
- FREUD, Sigmund. **1929, O mal estar na civilização**, vol. XXI, Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

HIPP, Earl. **Entendendo o Vulcão Humano – Como lidar com as explosões emocionais.** São Paulo. Madras, 2001.

KLEIN, M. (1960). Sobre a saúde mental (pp. 305-312). In KLEIN, M. (1991). **Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963.** (Tradução de Liana Pinto Chaves e Elias Mallet da Rocha Barros). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LIMA, R. **O professor e o estresse.** Revista Universidade e Sociedade, Ano 13, Número 17, Junho/98 (p. 35 a 39).

LUNA, S. V. **Planejamento de Pesquisa – Uma Introdução.**- São Paulo. EDUC- 2002.

MAC FADDEN, M.A.J. e RIBEIRO, A.V. **Aspectos psicológicos e hipertensão essencial.** *Rev. Assoc. Med. Bras.* [online]. jan./mar. 1998, vol.44, no.1 [citado 05 Dezembro 2004], p.4-10. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42301998000100002&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-4230.

MESSIAS, S. D. **O Inconsciente na Clínica psiquiátrica – Vínculo de Sentido e Vínculo Emocional.** *Rev. Bras. Psicanal.* 19:325, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Organizadora), Suely Ferreira Deslandes/Otávio Cruz Neto/Romeu Gomes. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Rio de Janeiro: 7ª. Ed. , Vozes, 1994.

MONACI, E. M., **A Vivência de Felicidade / Bem-estar de Professores no Ambiente Universitário.** Tese de Doutorado – USP - Universidade de São Paulo, São Paulo: 1995.

MOROSINI, M. C. (Org.). – **Professor do Ensino Superior: identidade, docência e formação.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000.

REINHOLD, H. D. Fontes e sintomas do stress ocupacional do professor. Campinas, SP: Revista de Psicologia / PUCCAMP, n.º 02 e 03, ago/dez - 1995. (5).

REINHOLD, H. D. **Fontes e sintomas do stress ocupacional do professor.** Campinas, SP: Revista de Psicologia / PUCCAMP, n.º 02 e 03, ago/dez - 1995. (5).

RIVIÈRE, P. **O Processo Grupal,** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SANCHES, D. **Pensando a Relação Professor-aluno,** Mudanças-psicoterapia e Estudos Psicossociais. Ano II – n.º 2; p. 39-53, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo/ SP: 1994.

SCHRAML, W. J. **Psicologia Profunda da Educação – Introdução à Psicologia Profunda para Educadores.** EPU, Editora da Universidade de São Paulo; 1976.

SCHRAML, W. **Psicologia Profunda para Educadores.** São Paulo, EPU, 1981.

ANEXOS

Anexo B – Questionário

A Universidade Metodista de São Paulo, através da Coordenadoria do Mestrado em Psicologia da Saúde, agradece a sua participação neste importante trabalho de pesquisa.

Tema: Saúde e Trabalho – Emoções e Reações no Cotidiano do Professor Universitário.

4.1.1 QUESTIONÁRIO

N.

Instruções: **Cada questão apresenta três opções de respostas, procure assinalar aquela que mais se aproxima da sua realidade, atribuindo o número de 1 a 3, registre a sua opção no retângulo à direita do enunciado correspondente. Não deixe de marcar nenhuma questão.**

- Não escreva seu nome, nem assine neste formulário.

Questões de 01 a 15	Discordo totalmente (1)	Concordo parcialmente (2)	Concordo totalmente (3)
1) A carreira de professor universitário tem contribuído para o meu desenvolvimento intelectual.			
2) Minha vida profissional é rotineira, monótona, sinto-me uma pessoa apática, sem perspectivas.			
3) Meu padrão de vida social tem sido melhor e mais intenso após meu ingresso no magistério (mais lazer; passeios; amigos)...			
4) Minhas relações com a instituição (direção; coordenação; colegas de trabalho) é prazerosa; amistosa e produtiva.			
5) Eventualmente, durante as aulas me emociono muito, sinto-me agitado, irritado, impaciente.			
6) Sinto-me irritado ao explicar o mesmo conteúdo mais de uma vez.			
7) Quando os alunos reclamam de muito conteúdo para estudar eu sinto compaixão, temo que possam ir mal nas avaliações, e modero.			
8) As horas que passo lecionando são as mais felizes do meu dia.			
9) Quando estou em aula, sinto que a turma me energiza e me revitaliza.			
10) Meu trabalho como professor(a) é o que há de mais importante em minha vida, dependendo dele para me sentir feliz.			
11) A cada turma que conclui a minha disciplina eu me deprimio, fico muito triste e imaginando como será a próxima turma.			
12) A cada nova turma de alunos que inicia, minha alegria se renova, sinto muito prazer em recebê-los.			
13) Sinto raiva quando percebo um aluno distraído, desinteressado, durante as aulas.			
14) O meu trabalho representa o que há de melhor em minha vida porque me relaciono com muitas pessoas, é prazeroso.			
15) As formaturas me emocionam, porque sinto - me orgulhoso(a) em ter contribuído para a realização dos “sonhos” dos alunos.			

Questões de 16 a 30	Discordo totalmente (1)	Concordo parcialmente (2)	Concordo totalmente (3)
16) Durante as aulas tenho dificuldade em relaxar, sinto-me apreensivo(a), tenso(a).			
17) A correção de provas é o que há de mais desanimador, frustrante.			
18). Eu preparo as aulas com prazer, alegria e satisfação.			
19) Sinto que os alunos não me valorizam, isso me deprime, me deixa triste.			
20) Quando estou em serviço me sinto tão bem e contente que não tenho pressa de ir para casa.			
21) Na época de exames finais sinto ansiedade, medo que muitos alunos sejam reprovados e ocorram evasões.			
22) Eu participo ativamente das reuniões, com entusiasmo e dedicação.			
23) Sinto orgulho, prazer, quando meus alunos me abordam carinhosamente nos intervalos das aulas.			
24) Considero meu ambiente de trabalho estressante, chego animado (a) e volto para casa frustrado(a), vazio(a).			
25) Em época de formatura fico deprimido (a) , desapontado(a), sinto uma parcela de culpa pelo despreparo de muitos alunos.			
26) Se em véspera de feriado, muitos alunos faltam, me entristeço, sinto uma sensação de desprezo, uma angústia.			
27) Quando estou em férias prolongadas, sinto desejo de retornar às aulas.			
28) Quando ocorre de alunos não acatarem orientações, não respeitarem os prazos pré-estabelecidos para as atividades, eu me irrita muito, fico ressentido e os enfrento com austeridade.			
29) Quando algum aluno realiza um trabalho mecanicamente, pensando apenas em nota, sinto-me ofendido, sinto raiva.			
30). A carreira de professor universitário tem contribuído para a minha integração social.			
Total			

Anexo C – Dados Complementares

Dados complementares

1 - Sexo: () Masculino () Feminino

2 - Idade: _____ anos

3 - Estado civil: () Solteiro () Casado () Outros

4 - Grau de Instrução:

- () Superior Completo
- () Pós Graduação Lato Sensu Incompleto
- () Pós Graduação Lato Sensu Completo
- () Pós Graduação Stricto Sensu (Mestrado) incompleto
- () Pós Graduação Stricto Sensu (Mestrado) completo
- () Pós Graduação Stricto Sensu (Doutorado) incompleto
- () Pós Graduação Stricto Sensu (Doutorado) completo

5- Leciona no Ensino Superior há _____ nos. Carga horária semanal, atual: _____ h.

6- Exerce outras atividades na mesma instituição que leciona? Não Sim carga horária semanal: _____ h.

7- Leciona em mais de uma Instituição? Sim: Não:

8- Exerce outro(s) cargo(s) em empresas de outro(s) ramo(s). Não Sim carga horária semanal: _____ h.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)